



FALAR EM LÍNGUAS DOM DE LÍNGUAS

Uma visão bíblica sobre o assunto.

Paulo Raposo Correia

Janeiro de 2022

Rio de Janeiro – RJ

Falar em Línguas

Dom de Línguas

PAULO RAPOSO CORREIA

BLOG

PARE! LEIA! REFLITA! PRATIQUE!

www.pauloraposocorreia.com.br

E-Book

Falar em Línguas – Dom de Línguas
por Paulo Raposo Correia
© 2022 Paulo Raposo Correia

Reservados todos os direitos desta obra.
Proibida toda e qualquer reprodução por qualquer meio ou forma,
sem a permissão expressa do autor.

Capa:
Paulo Raposo Correia

Revisão e Editoração Eletrônica:
Paulo Raposo Correia

Dados para Catalogação

Correia, Paulo Raposo
Falar em Línguas – Dom de Línguas / Paulo Raposo Correia – Rio de
Janeiro – RJ – Brasil, 2022

ISBN 978-65-00-37545-9

1. Bíblia. 2. Doutrinas Bíblicas . 3. Título.

FALAR EM LÍNGUAS DOM DE LÍNGUAS

Esta publicação é resultado de uma breve pesquisa de informações sobre este assunto, bem como é a exposição do meu próprio entendimento, tudo isso para sua reflexão e aproveitamento. Sempre que necessário o texto será atualizado e a data da revisão mencionada.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	5
1. ANCORANDO-SE NAS ESCRITURAS SAGRADAS	7
2. OS DOIS TERMOS PARA LÍNGUA.....	10
3. O FENÔMENO DAS LÍNGUAS NO MUNDO SECULAR.....	13
3.1 LÍNGUA COMO ELEMENTO DE IDENTIDADE DE UM POVO	13
3.2 LÍNGUA COMO INSTRUMENTO PARA O MAL OU PARA O BEM	13
3.3 O FENÔMENO NO MUNDO.....	14
4. O FENÔMENO DAS LÍNGUAS NA BÍBLIA	15
4.1 NO ANTIGO TESTAMENTO	15
4.2 NO NOVO TESTAMENTO	17
5. FALAR EM LÍNGUAS	21
5.1 NOS EVANGELHOS	21
5.2 EM ATOS	24
6. O DOM DE LÍNGUAS.....	34
6.1 O QUE DIZEM AS EPÍSTOLAS	35
6.2 OS DONS ESPIRITUAIS	39
6.3 O AMOR E OS DONS ESPIRITUAIS	50
6.4 DOM DE VARIEDADES DE LÍNGUAS	53
6.5 DOM DE INTERPRETAÇÃO DE LÍNGUAS.....	60
7. O FENÔMENO DAS LÍNGUAS NA HISTÓRIA DA IGREJA.....	62
8. SINAL DE MATURIDADE OU EXIBICIONISMO?	65
8.1 O FOCO EQUIVOCADO	66
8.2 O USO DEVOCIONAL	67
8.3 ORAR COM O ESPÍRITO OU NO ESPÍRITO	68
8.4 MARCAS DA VERDADEIRA ESPIRITUALIDADE.....	70
CONCLUSÃO	73
BIBLIOGRAFIA	77

INTRODUÇÃO

O fenômeno das línguas é um assunto que, de geração em geração, tem atraído a atenção dos crentes, gerado dúvidas, discussões, posicionamentos divergentes e tem o potencial de causar divisão entre os irmãos, quer sejam eles da mesma igreja ou de denominações diferentes. Não raramente encontramos cristãos membros de igrejas tradicionais ou históricas flertando com certas doutrinas pentecostais, como a interpretação própria que fazem do Batismo com o Espírito Santo e o Dom de Línguas. Sempre que surge um determinado grupo cristão parecendo experimentar mais poder do Espírito Santo, mais expressão e entusiasmo no louvor e adoração, mais motivação e efetividade na evangelização, enfim, mais devoção ao Senhor e mais entrega na realização da sua obra, desperta em nós aquele sentimento perturbador de que não alcançamos a vida abundante e plena que Deus nos prometeu em Cristo Jesus. Por outro lado, iremos encontrar irmãos pentecostais se questionando se o que acontece em suas igrejas vem mesmo de Deus e se está de acordo com a Bíblia. Alguns crentes estão vivendo sob grande tensão não querendo contradizer a Bíblia ao mesmo tempo que fazem da experiência sua autoridade verdadeira. Não há maturidade, não há santificação, não há legitimidade espiritual e não há espaço para distorcer a interpretação bíblica para acomodar equívocos de uma experiência espiritual desligada da Palavra de Deus.

O século XX foi marcado pelo Movimento Pentecostal, que é visto com certa desconfiança pelos cristãos das igrejas históricas e tradicionais. Na prática, isso produziu uma macro divisão na igreja, entre pentecostais e não pentecostais. No Brasil, pentecostal é o segmento que congrega a maioria dos protestantes, segundo o Censo do IBGE (2010). O desenvolvimento deste movimento é classificado

em três ondas. A primeira onda teve início em dois eventos, em 1901 e 1906, este último conhecido como o Avivamento da rua Azusa, nos Estados Unidos, noticiando-se a ocorrência de fenômenos como batismo com o Espírito Santo e o falar em línguas. Daí procurou-se associar tais eventos aos ocorridos no Pentecostes de Atos 2. A segunda onda, ocorrida por volta do ano de 1960, recebeu o nome de Renovação Carismática. Havia muita ênfase nas manifestações sobrenaturais, principalmente nos dons de línguas e cura divina. Muitas igrejas de denominações tradicionais, como metodistas, batistas, presbiterianas, luteranas e congregacionais foram afetadas por esse movimento de “renovação espiritual”, ocorrendo muitas divisões, com saída de grupos para organizarem novas igrejas. Algumas igrejas como Maranata, Nova Vida, dentre outras, surgiram nesta época. O movimento também alcançou a Igreja Católica Romana, dando origem aos Católicos Carismáticos. Interessante é o relato de católicos carismáticos, naquela ocasião, dizendo que após terem sido batizados com o Espírito Santo passaram a se devotar com muito mais ardor à virgem Maria. A terceira onda ou Neopentecostalismo surgiu cerca de duas décadas depois (1977), com pessoas oriundas das igrejas pentecostais, das carismáticas e, também, das tradicionais. No Brasil, a maior e mais representativa igreja dessa corrente é a Igreja Universal do Reino de Deus, seguida pela Igreja Internacional da Graça de Deus, a Igreja Renascer em Cristo, a Igreja Mundial do Poder de Deus, dentre outras. O neopentecostalismo, além de manter as ênfases do movimento pentecostal, supervaloriza e enfatiza a operação de maravilhas e curas; a busca da prosperidade como sinal da aprovação divina; “objetos ungidos” e rituais. Até que ponto todos esses fenômenos vivenciados e noticiados pelo segmento pentecostal e neopentecostal do século XX podem ser consideradas legítimas manifestações divinas? Pentecostais e não pentecostais têm suas próprias visões sobre o assunto. Entretanto, acima de tudo, vale ressaltar a importância de se preservar o amor cristão, o respeito e a tolerância, mútuos!

Há muitos cristãos sinceros dentre os irmãos pentecostais e tradicionais. Entretanto, podem ser enquadrados no perfil descrito por Paulo: *“Porque lhes dou testemunho de que eles têm zelo por Deus, porém não com entendimento.”* (Rm 10.2). Quando se dá valor extremo à experiência, em detrimento do que diz a Palavra de Deus, comete-se grave equívoco! A Palavra de Deus é suficiente e não necessita do acréscimo de revelações de última hora.

Damos graças a Deus por aqueles irmãos pentecostais e carismáticos que se unem aos demais cristãos no essencial: creem na Bíblia como a nossa única e infalível regra de fé e prática; na divindade de Jesus Cristo; na sua morte sacrificial e vicária; na sua ressurreição física e ascensão aos céus; na sua segunda vinda etc. Desta forma, vivem em obediência e submissão a Cristo, adoram a Deus em espírito e em verdade, proclamam o seu evangelho e servem a seus irmãos na fé e ao próximo.

Antes de partirmos para a análise do assunto é necessário estabelecer a distinção entre o “falar em línguas”, como resultado de um fenômeno ou de uma manifestação espiritual coletiva, e o “dom de línguas” como um dentre os vários dons espirituais concedidos à igreja, porém, de forma individual. A diferença pode até parecer muito sutil, mas entendo que existe. É claro que ambos os fenômenos provêm de Deus, porquanto são “dádivas” de Deus e, neste sentido, dons de Deus.

1. ANCORANDO-SE NAS ESCRITURAS SAGRADAS

O cristão já sabe e nunca deve perder de vista que, as respostas às suas dúvidas no campo da fé e da conduta estão nas Escrituras, e não poderia ser diferente. *“Porque a palavra de Deus é viva, e eficaz, e mais cortante do que qualquer espada de dois gumes, e penetra até ao ponto de dividir alma e espírito, juntas e medulas, e é apta para discernir os pensamentos e propósitos do coração”*(Hb 4.12). Se algum texto ou

assunto, expresso na Bíblia, dá margem a dúvidas quanto à sua correta interpretação, esse texto ou assunto precisa ser esclarecido à luz da própria Bíblia. A hermenêutica bíblica, que é a ciência, a arte de interpretação das Sagradas Escrituras, nos mostra que um texto deve ser interpretado à luz do seu contexto imediato, ou, até mesmo, do contexto bíblico; e mais, que um texto menos claro pode ser melhor entendido através de outro mais claro. Vale ressaltar que alguns fenômenos percebidos apressada e equivocadamente como “espirituais” precisam ser analisados à luz da ciência, particularmente da psicologia, da psiquiatria, da medicina etc.

Qualquer fenômeno dito sobrenatural, vivenciado particularmente por um cristão ou coletivamente pelo grupo, precisa ser examinado e avaliado à luz da Bíblia. Desde sempre a igreja tem enfrentado um certo embate entre a “Escritura” e a “Experiência”; esta última jamais poderá prevalecer sobre a anterior. Não é incomum acontecer alguma pressão na tentativa de impor a “Experiência” em detrimento da “Escritura”. Não podemos descuidar, pois o inimigo de Deus é astuto e incansável na arte de seduzir e confundir. Nem tudo que é sobrenatural provém de Deus, pois Satanás também pode realizar sinais e prodígios. Quando lidamos com o mundo espiritual precisamos seguir a orientação do apóstolo João: *“Amados, não deis crédito a qualquer espírito; antes, provaí os espíritos se procedem de Deus, porque muitos falsos profetas têm saído pelo mundo fora”* (1Jo 4.1). O apóstolo Paulo acrescenta: *“julgai todas as coisas, retende o que é bom;”* (1Ts 5.21). Em todas as coisas há de se buscar o equilíbrio entre o racional e o emocional. Se formos dominados pelo emocional estaremos sujeitos a cometermos erros.

A análise de um acontecimento ou da “experiência” supostamente sobrenatural é sempre muito desafiadora. Consideremos, por exemplo, o caso da cura do cego em João 9, ocorrida num sábado. Encontraremos ali a exposição de fatos, opiniões, argumentos etc. Então vejamos como se deu a atuação de cada parte:

FALAR EM LÍNGUAS – DOM DE LÍNGUAS

FARISEUS	EX-CEGO / PAIS	CONSIDERAÇÕES
Como tudo aconteceu?	Aplicou lodo aos meus olhos, lavei-me e estou vendo.	Apuração e exposição dos fatos (a experiência) .
<p>- Jesus não é de Deus, porque não guarda o sábado.</p> <p>- Como pode um homem pecador fazer tamanhos sinais?</p>		<p>Argumentos:</p> <p>- Curar no sábado é transgredir a lei (falso).</p> <p>- Um pecador não faz milagres (falso, se considerarmos que ele pode ser usado por Satanás)</p>
O que você pensa daquele que te abriu os olhos?	Que ele é profeta.	Exposição de opinião (verdadeira, de certa forma, pois Jesus era mais do que profeta)
Ele é seu filho e era cego?	Afirmativo. (resposta dos pais)	Continuação da apuração dos fatos.
Aquele que te abriu os olhos é pecador!	Se é pecador, não sei; uma coisa sei: eu era cego e agora vejo.	Uma falsa afirmação é rebatida com um fato. “Contra fatos não há argumentos).
Que te fez ele?	Já vo-lo disse, e não atendestes.	Repetição da arguição quanto aos fatos, devidamente rechaçada.
Sabemos que Deus falou a Moisés; mas este nem sabemos donde é.	- Nisto é de estranhar que vós não saibais donde ele é, e, contudo, me abriu os olhos.	“O pior cego é aquele que não quer ver”. Para julgar a “experiência” é preciso conhecer os elementos envolvidos e as Escrituras.
	Sabemos que Deus não atende a pecadores.	Um argumento baseado nas Escrituras (Jó 27.8-9; Sl 66.16-19; Pv 15.29; Zc 7.13)
	Se alguém teme a Deus e pratica a sua vontade, a este atende.	Um argumento baseado nas Escrituras (Sl 34.15; 33.18-19; Pv 15.29)
	Desde que há mundo, jamais se ouviu que alguém tenha aberto os olhos a um cego de nascença.	Um argumento verdadeiro que valida a “experiência” .

FALAR EM LÍNGUAS – DOM DE LÍNGUAS

FARISEUS	EX-CEGO / PAIS	CONSIDERAÇÕES
	Se este homem não fosse de Deus, nada poderia ter feito.	Um argumento verdadeiro que valida a “experiência”.

Conclusão: Essa “experiência” foi avaliada confrontando-se os seus elementos com as Escrituras e considerada verdadeira!

Finalmente, é preciso reafirmar que a “experiência” não é o teste da verdade bíblica, pois esta última sim sempre será o árbitro final da “experiência”, conforme declarou Frederick Dale Bruner: “O teste de qualquer coisa que se chama cristã não é a sua significância e nem seu sucesso ou seu poder, embora estes tornem mais imperativo o teste. O teste é a verdade”. Em primeiro lugar é preciso conhecer a Palavra de Deus; depois, desfrutar da experiência que decorre desse conhecimento. “Uma experiência pode ser psicológica, fisiológica, teológica ou demoníaca. O único teste verdadeiro para qualquer experiência é: ela condiz com a Palavra de Deus?” (John F. MacArthur Jr).

2. OS DOIS TERMOS PARA LÍNGUA

O termo “glossolalia” é bem difundido, sendo definido no dicionário secular como “suposta capacidade de falar línguas desconhecidas quando em transe religioso (como no milagre do dia de Pentecostes)”. E, ainda: “A glossolalia religiosa é o nome pelo qual algumas denominações pentecostais e correntes religiosas como a Renovação Carismática Católica denominam a capacidade de reproduzir o fenômeno conhecido por dom de línguas, descrito no segundo capítulo dos Atos dos Apóstolos.” (Wikipedia)

“Glossolalia (do grego γλῶσσα, ‘glóssa’ [língua]; λαλῶ, ‘laló’ [falar]) é um fenômeno de psiquiatria e de estudos da linguagem, em

geral ligado a situações de fervor religioso, em que o indivíduo crê expressar-se em uma língua desconhecida, por ele, tida como de origem divina.” (Wikipedia)

Naturalmente que essas definições seculares acima apresentadas precisam ser revistas à luz da Bíblia. No fenômeno de “falar em línguas”, ocorrido pela primeira vez no Novo Testamento (NT) no livro de Atos, são usadas duas palavras gregas para língua e linguagem:

- (i) A primeira é γλώσσα [glóssa] (língua – órgão muscular localizado na boca; idioma – língua (linguagem) própria de um povo, de uma nação):

“E apareceram, distribuídas entre eles, línguas, como de fogo, e pousou uma sobre cada um deles.” (At 2.3)

και ωφθησαν αυτοις διαμεριζομεναι γλωσσαι ωσει πυρος εκαθισεν τε εφ ενα εκαστον αυτων

“Todos ficaram cheios do Espírito Santo e passaram a falar em outras línguas, segundo o Espírito lhes concedia que falassem.” (At 2.4)

και επλησθησαν απαντες πνευματος αγιου και ηρξαντο λαλειν ετεραις γλωσσαις καθως το πνευμα εδιδου αυτοις αποφθεγγεσθαι

“tanto judeus como prosélitos, cretenses e arábios. Como os ouvimos falar em nossas próprias línguas as grandezas de Deus?” (At 2.11)

κρητες και αραβες ακουομεν λαλουντων αυτων ταις ημετεραις γλωσσαις τα μεγαλεια του θεου

“pois os ouviam falando em línguas e engrandecendo a Deus. Então, perguntou Pedro:” (At 10.46)

ηκουον γαρ αυτων λαλουντων γλωσσαις και μεγαλυνοντων τον θεον τοτε απεκριθη ο πετρος

FALAR EM LÍNGUAS – DOM DE LÍNGUAS

“E, impondo-lhes Paulo as mãos, veio sobre eles o Espírito Santo; e tanto falavam em línguas como profetizavam.” (At 19.6)

και επιθεντος αυτοις του παυλου τας χειρας ηλθεν το πνευμα το αγιον επ αυτους ελαλουν τε γλωσσαις και προεφητευουν

(ii) A segunda é διάλεκτος [dialektos] (dialeto – a forma como uma língua (linguagem) é realizada numa região específica; uma variedade ou variante linguística).

“Quando, pois, se fez ouvir aquela voz, afluiu a multidão, que se possuiu de perplexidade, porquanto cada um os ouvia falar na sua própria língua.” (At 2.6)

γενομενης δε της φωνης ταυτης συνηλθεν το πληθος και συνεχυθη οτι ηκουον εις εκαστος τη ιδια διαλεκτω λαλουντων αυτων

“E como os ouvimos falar, cada um em nossa própria língua materna?” (At 2.8)

και πως ημεις ακουομεν εκαστος τη ιδια διαλεκτω ημων εν η εγεννηθημεν

Na sequência do versículo 8 são mencionados, pelo menos, quatorze dialetos usados por aqueles grupos alcançados pelo fenômeno das línguas no Pentecostes: *“partos, medos, elamitas e os naturais da Mesopotâmia, Judéia, Capadócia, Ponto e Ásia, da Frígia, da Panfília, do Egito e das regiões da Líbia, nas imediações de Cirene, e romanos que aqui residem”*.

Esses diferentes grupos ouviram a Palavra na sua própria língua ou dialeto regional. A ação do Espírito Santo, detalhadamente exposta por Lucas, foi com a intenção de não deixar dúvidas nas mentes dos que vivenciaram aquele momento e dos futuros leitores do livro de Atos, quanto ao fato de que não se tratava de um episódio característico de histeria coletiva. As línguas eram conhecidas e compreendidas por aqueles a quem os apóstolos se dirigiam. Não cabe

aqui qualquer narrativa no sentido de que eles falaram palavras estranhas e desconhecidas, numa espécie de êxtase. Seria violentar e desfigurar o registro bíblico tirando-lhe o verdadeiro valor como milagre e sinal da manifestação divina inaugurando uma nova era, a da igreja de Cristo.

3. O FENÔMENO DAS LÍNGUAS NO MUNDO SECULAR

3.1 Língua como elemento de identidade de um povo

Sabemos que toda a humanidade descende dos três filhos de Noé – Sem, Cam e Jafé (Gn 9.18). Se a criação de Adão e Eva se deu por volta de 3974 a.C., o dilúvio ocorreu aproximadamente em 2300 a.C. A Bíblia registra que desde a criação “... em toda a terra havia apenas uma linguagem e uma só maneira de falar.” (Gn 11.1). Foi então, entre 2200 e 2100 a.C. que se deu o incidente da construção da Torre de Babel e a dispersão pela confusão de línguas. Assim, no primeiro livro da Bíblia, em Gênesis 10 e 11 encontramos a narrativa da separação geográfica dos povos, tendo cada povo sua própria identidade, definida por raça, língua e território (ver ainda Et 1.22; 3.12; 8.9). Enquanto em Gênesis a tônica é a separação dos povos, em decorrência do pecado e para frear o avanço do mal coletivo, no Apocalipse se menciona repetidas vezes o plano divino de resgatar e unir esses povos: “e entoavam novo cântico, dizendo: Digno és de tomar o livro e de abrir-lhe os selos, porque foste morto e com o teu sangue compraste para Deus os que procedem de toda tribo, língua, povo e nação” (Ap 5.9)

3.2 Língua como instrumento para o mal ou para o bem

E o que há de mais relevante sobre língua, línguas e linguagem entre Gênesis e Apocalipse? Os livros de Jó, Salmos, Provérbios, no AT, e Tiago, no NT, são os que mais espaço dedicam para advertir sobre os perigos da língua (Sl 34.13; 120.2; Tg 3.6), mas também

exaltam sua boa manifestação (Sl 35.28). *“A morte e a vida estão no poder da língua; o que bem a utiliza come do seu fruto”* (Pv 18.21). Os livros proféticos, principalmente Isaías, Jeremias e Ezequiel, denunciam as más línguas e as más obras do chamado povo de Deus contra o Senhor (Is 3.8), mas também anunciam novos tempos, tempos de restauração (Is 35.6).

3.3 O fenômeno no mundo

David Boyd Long¹ nos assegura que o milagre das línguas, chamado tecnicamente glossolalia, não é em si um fenômeno exclusivo da cristandade ou mesmo de Deus. É, de fato, praticado por povos totalmente pagãos que nunca estiveram em contacto com a Bíblia ou com Cristãos, pelo menos que se tenha conhecimento. Segundo ele, falar línguas em êxtase já foi observado e registrado por testemunhas confiáveis; tanto crentes como descrentes, entre os esquimós, africanos, tibetanos, chineses e persas. Também é um fato aceito pelos muçulmanos os quais são ferrenhos inimigos da religião cristã. Este escritor revela que já observou a prática de falar línguas nos nativos da África Ocidental, totalmente pagãos e sem que tivessem qualquer conhecimento de Deus ou do Cristianismo.

Ele acrescenta que também é bem conhecido que escritores da antiguidade, tanto seculares como sagrados, tais como Platão, Virgílio, Crisóstomo e outros nos dão extensas e pormenorizadas descrições do mesmo fenômeno entre os sacerdotes e sacerdotisas de deuses pagãos dos seus dias, assim como entre profetisas, adivinhos e videntes. Não é possível saber se estas ocorrências eram genuínas ou simuladas; se eram induzidas (hipnotismo ou histerismo) ou demoníacas.

¹ Long, David Boyd – O que a Bíblia ensina sobre o dom das Línguas

Ele chega a uma simples, mas pertinente conclusão, isto é, que o falar em línguas existiu no passado e existe no presente, sem qualquer ligação com o Deus da Bíblia. Portanto, a experiência em si não prova nada quanto à veracidade e sua origem, se é ou não de Deus. Apenas a Palavra de Deus nos pode guiar neste campo. Esta é a razão porque é importante estudar o tema glossolalia – sua origem, começos, uso e abuso e sua cessação – exclusivamente à luz da Bíblia. A glossolalia bíblica teve a sua origem em Deus, enquanto a glossolalia não bíblica, quando genuína, isto é, sem ser simulada, teve a sua origem no homem ou em Satanás, pois não é possível haver outra origem na natureza das coisas.

4. O FENÔMENO DAS LÍNGUAS NA BÍBLIA

4.1 No Antigo Testamento

A origem da linguagem humana, a partir do registro bíblico, é um mistério. Desde o início Deus se comunicava com os humanos, homem e mulher, Adão e Eva, e ambos os humanos se comunicavam entre si numa linguagem única. Em muitas ocasiões os anjos também se comunicaram com os humanos usando a linguagem desses últimos.

No episódio da confusão de línguas, na construção da Torre de Babel, tudo mudou. *“Então, desceu o SENHOR para ver a cidade e a torre, que os filhos dos homens edificavam; e o SENHOR disse: Eis que o povo é um, e todos têm a mesma linguagem. Isto é apenas o começo; agora não haverá restrição para tudo que intentam fazer.”* (Gn 11.5-6). Havia transcorrido cerca de 175 anos (2319–2144 a.C.), desde o Dilúvio, e a nova civilização humana já estava outra vez corrompida. Deixando de tributar toda a glória e honra devidas a Deus, deslocaram o seu foco para as realizações humanas (Gn 11.4). A confusão da linguagem e dispersão das pessoas foi o remédio aplicado por Deus para conter o avanço dos maus intentos humanos. Podemos dizer que estamos

vivendo o tempo da reversão do fenômeno da Torre de Babel. Os meios de transporte, a tecnologia de comunicação e de informação, e o idioma inglês universal, aproximaram os seres humanos de forma surpreendente. Cumpriu-se a profecia de Daniel – a ciência se multiplicou (Dn 12.4). A grande questão agora é a mesma daquela época: *“Isto é apenas o começo; agora não haverá restrição para tudo que intentam fazer”*. O que temos visto, então, na civilização atual, é Deus colocado de lado, a Bíblia sendo considerada um livro antiquado e ultrapassado, e o ser humano sendo cultuado pelos seus grandes feitos.

Até aqui, o que pode ser identificado como sobrenatural foi a confusão pela multiplicação da linguagem humana a partir do fenômeno da Torre de Babel. No Antigo Testamento não encontramos evidências explícitas sobre o fenômeno sobrenatural de falar em línguas. Entretanto, precisamos mencionar a ocorrência de fenômenos similares ao que aconteceu no Pentecostes da Igreja Cristã:

“Então, o SENHOR desceu na nuvem e lhe falou; e, tirando do Espírito que estava sobre ele, o pôs sobre aqueles setenta anciãos; quando o Espírito repousou sobre eles, profetizaram; mas, depois, nunca mais. Porém, no arraial, ficaram dois homens; um se chamava Eldade, e o outro, Medade. Repousou sobre eles o Espírito, porquanto estavam entre os inscritos, ainda que não saíram à tenda; e profetizavam no arraial.” (Nm 11.25-26). Deus ordenou a Moisés que reunisse setenta anciãos e líderes para que o auxiliassem na condução do povo, pois Moisés se sentia sobrecarregado naquela missão (Nm 11.16-17). O Espírito do Senhor repousou sobre eles e eles profetizaram como sinal evidente da unção divina, nos permitindo perceber esse *modus operandi* divino. Alguns identificam aqui uma espécie de “Pentecostes no Antigo Testamento”. Nada é dito sobre falar em línguas, mas que estes profetizaram, testificando assim a intervenção divina. Não sabemos exatamente o que significa esse “profetizaram” senão que se expressaram com palavras em louvor e exaltação a Deus (1Cr 25.3). Vale ressaltar que

esses setenta anciãos não eram profetas e não passaram a ser profetas a partir dessa unção. Este fenômeno aconteceu em outras raras ocasiões: Saul (1Sm 10.6, 10; 19.22-24) e mensageiros de Saul (1Sm 19.20-21).

4.2 No Novo Testamento

4.2.1 Uma janela na história da igreja

Ao estudarmos mais profundamente o milagre das línguas, na história da igreja primitiva, verificaremos o seguinte:

a) Além de uma menção em Marcos 16.17, apenas o Livro de Atos e a Epístola de 1Coríntios tratam do assunto, sendo os seus escritores Lucas e Paulo, respectivamente. O primeiro com foco na história, apresentando o “falar em línguas” como sinal de um novo tempo, e o segundo com foco na sistematização doutrinária, disciplinando o “dom de línguas”.

b) Paulo escreveu 13 epístolas e em apenas uma tratou do assunto.

c) Pedro e João, que eram apóstolos, bem como Tiago e Judas, meio-irmãos de Jesus, escreveram sete epístolas de cunho doutrinário e instrução do Novo Testamento, sem fazer qualquer menção ao assunto. Vale ressaltar que eles andaram com Jesus, estavam presentes no Pentecostes de Atos 2 e eram reputados como colunas da igreja.

d) Enfim, que houve uma curta janela na história da igreja na qual se tratou do milagre das línguas que abrange cerca de 28 anos, de Atos 2 a 1Coríntios, como segue:

☪ Atos 2 – 29 d.C.

☪ Atos 10 – 41 d.C.

☪ Atos 19 – 57 d.C.

☪ 1Coríntios – 57 d.C.

FALAR EM LÍNGUAS – DOM DE LÍNGUAS

Portanto, fica evidenciado que o “falar em línguas” foi importante como sinal de um novo tempo e o “dom de línguas” não teve muita relevância para a igreja neotestamentária.

NOVO TESTAMENTO			
LIVROS	QUANTIDADE	AUTORES	LÍNGUAS
EVANGELHOS	4	Mateus (1) Marcos (1) Lucas (1) João (1)	Marcos 16.17
HISTÓRICO	1 (Atos)	Lucas (1)	Atos 2, 10 e 19
EPÍSTOLAS	21	Paulo (13) Pedro (2) João (3) Judas (1) Tiago (1) ? (1 - Hebreus)	1Coríntios 12, 13 e 14
REVELAÇÃO	1 (Apocalipse)	João (1)	-
Total	27 Livros	9 Autores (27)	-

4.2.2 Uma visão panorâmica

Considerando este curto período ou janela do “milagre das línguas” na história da igreja e os três livros que o mencionam no Novo Testamento, podemos fazer o seguinte resumo:

(i) A promessa	Marcos 16.17
(ii) O cumprimento da promessa	Atos 2, 10 e 19
(iii) A regulamentação	1Coríntios 12, 13 e 14

(i) A promessa (Mc 16.17)

*“Estes sinais hão de acompanhar aqueles que creem: em meu nome, expelirão demônios; **falarão novas línguas;**” (Mc 16.17)*

Antes da sua ascensão Jesus se dirigiu aos seus discípulos, os continuadores da sua obra, para lhes fazer uma promessa de capacitação especial para essa missão (Mc 16.17-18). Alguns têm questionado e levantado dúvida sobre a inserção desse texto no cânon das Escrituras Sagradas. Consideraremos aqui sua legitimidade, até mesmo porque a promessa se cumpriu poucos dias depois, no Pentecostes.

Esta promessa está intrinsecamente associada à promessa do derramamento do Espírito Santo, registrada no Antigo Testamento (Is 44.3b; Ez 36.27; 39.29; Jl 2.28-29) e no Novo Testamento (Mt 3.11; Mc 1.8; Lc 3.16; Jo 7.39; Jo 14.16; At 1.5, 8). A adjetivação de “novas” línguas deve ser entendida como qualquer coisa nova para o receptor desta capacitação e não como algo novo em si, isto é, recém inventado ou criado.

(ii) O cumprimento da promessa (Atos 2, 10 e 19)

Uma nova época foi anunciada por nosso Senhor Jesus Cristo, conhecida como a época da Graça de Deus, da Nova Aliança ou da Igreja. A Igreja foi claramente profetizada por ele (Mt 16.18 comp. Mt 18.15-18), comprada pelo seu sangue derramado no Calvário (Rm 3.24-25; 1Co 6.20; 1Pe 1.18-19), e constituída de fato após sua ascensão. Embora os primórdios embrionários da Igreja retrocedam a tempos anteriores a escolha dos doze, a maioria dos intérpretes considera o nascimento da Igreja como algo que ocorreu no dia de Pentecostes, quando foi outorgado o dom do Espírito Santo, visto que o Espírito de Deus é quem une os crentes, formando com eles um corpo, e porque se pensa que antes da descida do Espírito Santo não prevalecia tal condição (ver 1Co 12.13).

Foi, finalmente, na vinda do Espírito Santo no Pentecostes² que a igreja de Jesus Cristo teve a sua origem histórica ou visível. Esta experiência coletiva, histórica e racional unificou os discípulos em uma comunidade espiritual que os separou do mundo ou que os distinguiu do seu meio social.

O livro de Atos registra cinco “derramamentos” ou “batismos” do Espírito Santo que testificam a participação divina na história do cristianismo, além de selar, desta forma, o progressivo avanço da igreja. São eles:

- ⇒ O “Pentecostes apostólico” (At 2.1-13)(Línguas)
- ⇒ O “Pentecostes eclesiástico” (At 4.31)
- ⇒ O “Pentecostes samaritano” (At 8.14-17)
- ⇒ O “Pentecostes gentílico” (At 10.44-47)(Línguas)
- ⇒ O “Pentecostes efésio” (At 19.1-7)(Línguas)

Dentre esses cinco derramamentos encontraremos os três já referidos (Atos 2, 10 e 19) nos quais se deu o cumprimento da promessa de “falar em novas línguas”. Como já dito anteriormente o propósito dessa manifestação coletiva era oferecer o sinal de um novo tempo, da presença e intervenção divinas.

² Todos sabemos que o Pentecostes de Atos 2 foi único no sentido de marcar o início de uma nova época, o início da igreja de Cristo. Vale lembrar o que disse Merrill Unger: “Pentecostes não pode ser repetido assim como a criação do mundo ou do homem; é de uma vez para sempre, como a encarnação e morte, ressurreição e ascensão de Cristo. Isto vem dos seguintes fatos: (1) O Espírito de Deus só poderia vir, chegar e fazer morada na igreja uma vez, o que fez no Pentecostes. (2) O Espírito de Deus só poderia ser dado, recebido e depositado na igreja uma vez e isso aconteceu no Pentecostes. (3) O evento ocorreu num tempo específico (Atos 2.1), cumprindo um tipo específico do Antigo Testamento (Levítico 23.15-22), num lugar específico (Jerusalém, cf. Lucas 24.49), sobre uns poucos específicos (Atos 1.13-14), para um propósito específico (1Corintians 12.12-20), a fim de introduzir uma nova ordem. O evento não se constituía de fatores contínuos e recorrentes da nova ordem uma vez instituída.”

(iii) A regulamentação (1Coríntios 12, 13 e 14)

Diferentemente do que se possa imaginar, o apóstolo Paulo escreveu esses três capítulos, não exatamente com a intenção de promover o “dom de línguas” no sentido de que este fosse mais usado para a edificação da igreja de Cristo. Passados cerca de 28 anos desde o Pentecostes de Atos 2, a igreja de Corinto estava fazendo mau uso do dom de línguas e a matéria precisava ser disciplinada.

5. FALAR EM LÍNGUAS

Conforme já explicado no início veremos aqui o “falar em línguas” como um fenômeno ou uma manifestação espiritual coletiva distinta do dom de línguas.

5.1 Nos Evangelhos

Depois de quatrocentos anos de silêncio da parte de Deus, ele volta a falar com os homens. Os Evangelhos registram intensa ação de anjos se comunicando com determinadas pessoas e o Espírito Santo se manifestando com poder.

Zacarias, o sacerdote, teve um encontro com o anjo Gabriel (Lc 1.11-20) e não falou em línguas, pelo contrário, ficou mudo por causa da sua incredulidade, o que não deixa de ser um sinal. Quando seu filho João Batista nasceu ele não somente voltou a falar, como também “ficou cheio do Espírito Santo e profetizou” (Lc 1.67), mas não falou em línguas, a semelhança do que ocorria no Antigo Testamento. Isabel, sua esposa, grávida de João Batista, ao ouvir a saudação de Maria (grávida de Jesus) “ficou cheia do Espírito Santo e exclamou...” (Lc 1.41ss), bendizendo ao Senhor; mas não falou em línguas.

FALAR EM LÍNGUAS – DOM DE LÍNGUAS

Maria, a mãe Jesus, teve um encontro com o anjo Gabriel (Lc 1.26) e não falou em línguas. O Espírito Santo veio sobre ela e ela não falou em línguas (Lc 1.35; Mt 1.20). José, o seu marido, teve vários encontros com anjos e não falou em línguas (Mt 1.20, 24; 2.13, 19-20).

João Batista, foi *“cheio do Espírito Santo, já do ventre materno”* (Lc 1.15) e não consta que em toda a sua vida ele tenha falado em línguas.

Simeão, sobre quem estava o Espírito Santo, movido por este mesmo Espírito, foi ao templo encontrar-se com Jesus, quando este foi apresentado. Tomou-o em seus braços e cheio de emoção não falou em línguas (Lc 2.25-27).

Ana, a profetisa e viúva, falou a respeito de Jesus e aos que esperavam a redenção, mas não falou em línguas (Lc 2.25-27).

Os discípulos, estavam reunidos numa casa, após a morte de Jesus, quando este, ressuscitado, se apresentou no meio deles, saudando-os: *“E, havendo dito isto, soprou sobre eles e disse-lhes: Recebei o Espírito Santo.”* (Jo 20.22). Tendo isso assim sucedido, eles também não falaram em línguas.

Jesus, o Filho de Deus, sobre quem veio o Espírito Santo em forma de pomba, por ocasião do seu batismo (Mt 3.16; Mc 1.10; Lc 3.22; Jo 1.32), que era cheio do Espírito (Lc 4.1), que atuava no poder do Espírito (Lc 4.14), sobre quem repousava o Espírito (Mt 12.18; Lc 4.18), não falou em línguas.

Ainda, nos Evangelhos, encontramos algumas promessas a respeito do Espírito Santo: recebimento (Jo 7.39); batismo (Lc 3.16); ensino (Lc 12.12; Jo 14.26); testemunho (Jo 15.26) e guia (Jo 16.13).

Falarão Novas Línguas (λαλησουσιν καιναις)

Também encontraremos nos Evangelhos uma promessa específica sobre o milagre das línguas: “*Estes sinais não de acompanhar aqueles que creem: em meu nome, expelirão demônios; **falarão novas línguas;***” (Mc 16.17). A profecia ou promessa de Jesus foi pontual e exclusiva no Evangelho de Marcos. Dizem os comentaristas que os versículos 9 a 20 de Marcos 16 não aparecem em dois dos principais manuscritos do NT, embora estejam presentes num grande número de outros manuscritos e versões, e parece repor o final do Evangelho que, ou Marcos não teria chegado a escrever, ou fora perdido no tempo. Assim, seria pouco sábio construir uma doutrina sobre eles. Entretanto, não é difícil perceber que aquilo que fora predito nos versículos 15 a 18, de alguma forma começou a se cumprir na vida dos onze apóstolos aos quais essas palavras foram dirigidas, não muito depois daqueles dias. Outro aspecto levantado aqui pelos intérpretes é o adjetivo “novas” que utiliza o termo grego *kaináís* e não o termo *néos*. “Lemos a palavra do Dr. João Soren, no livro *Parecer da Comissão dos treze*, que transcrevo a seguir e que pode trazer alguma luz ao texto: ‘Em Marcos 16.17 ocorre a expressão ‘novas línguas’. Há quem insista em dar à expressão o significado de ‘línguas estranhas’, isto é, desconhecidas, nunca dantes faladas ou ouvidas. Note-se, porém, que o escritor bíblico teve o cuidado de empregar o adjetivo ‘*kainais*’ que tem o sentido de especificar o que é novo, quanto ao uso ou à forma. ‘*Kainós*’ significa incomum, renovado, inédito quanto ao uso ou aplicação, mas não em relação ao tempo. Distingue-se de *neo*, que tem sentido daquilo que é anteriormente inexistente ou desconhecido, o que acaba de ser feito, substancialmente inédito, recente. Não diz o texto, portanto, que os cristãos falariam idiomas até então desconhecidos. Seriam idiomas para eles usualmente falados” (pág.56)³”.

³ Livro “Espírito Santo, o Executivo de Deus” – David Gomes – pág.112

5.2 Em Atos

O livro de Atos é a única peça histórica da igreja cristã existente, escrita antes do século III d.C. Bastaria esse fato isolado para que fosse reconhecido universalmente o valor desse livro, sem simplesmente encará-lo como mero documento histórico. Sem ele, ficaríamos virtualmente sem qualquer registro histórico sobre o desenvolvimento inicial e a propagação do cristianismo primitivo. Também é obra de grande valia na ajuda que nos presta para melhor entendermos as epístolas paulinas, posto que lhes provê valiosas informações de pano de fundo. Entretanto, o livro de Atos não encerra uma história completa de todo o movimento cristão do primeiro século de nossa era, porquanto cobre tão somente um período de cerca de três décadas, isto é, de cerca de 29 a cerca de 67 d.C.

Trata-se de um período de transição para um novo tempo da Nova Aliança, e o objetivo maior deste livro não é o de apresentar um compêndio doutrinário para a igreja, o que pode ser encontrado nas epístolas. Em Atos passamos da sinagoga à igreja; da lei à graça; dos judeus eleitos do Antigo Testamento aos eleitos do Novo Testamento, isto é, crentes judeus e gentios que passaram a formar um só corpo em Cristo. Em toda a transição ocorrem situações pontuais que poderão não ter continuidade no dia a dia. Por isso, é preciso ter cuidado na sua interpretação. Enfim, vale lembrar o que disse Joseph Dillow: “Não podemos cometer o grave erro de ensinar a experiência dos apóstolos, mas sim, devemos experimentar o ensino dos apóstolos. A experiência dos apóstolos se encontra no livro tradicional de Atos, enquanto o ensino dos apóstolos é explanado claramente nas Epístolas que são nosso guia para a experiência cristã hoje”.

5.2.1 Atos 2

Nosso objetivo aqui não é fazer uma exegese extensa do texto, mas o de destacar alguns elementos mais significativos daquilo que

aconteceu no Pentecostes, principalmente os relacionados ao “falar em outras línguas”, a saber:

- a) Foi um evento já programado na agenda divina, ocorrido às 9h da manhã (terceira hora do dia – v.15), para marcar o início da era da igreja, em cumprimento à sua promessa. Esse “Pentecostes Cristão” aconteceu cinquenta dias após a crucificação e ressurreição de Jesus. A partir desta data, provavelmente um domingo (Lv 23.15-16), Pentecostes não seria mais uma festa judaica, porém o raiar de um novo dia, o dia do nascimento da Igreja de Cristo. É neste dia (celebração da colheita do trigo) que começamos a ver o “muito fruto” produzido pelo “grão de trigo” que caiu na terra e morreu (Jo 12.24). Um dia apropriado para ser o dia da promulgação do Evangelho e da recepção das primícias da colheita mundial do mesmo Evangelho.

- b) Foi marcado, indelévelmente, com o selo e credenciais divinos, por meio de sinais e milagres realizados independentemente da vontade e ação humanas, se somando a tantos outros já elencados na história de Israel, porém, nada comuns na história dos povos gentios. O derramamento do Espírito Santo foi marcado por fenômenos sobrenaturais e evidentemente de origem divina. O Espírito Santo é invisível, razão pela qual os sinais foram usados. A intenção divina era de criar impacto, chamar a atenção.

- c) Os eleitos coletivamente por Deus, como protagonistas no cumprimento do propósito divino, foram apenas judeus discípulos de Jesus.

- d) Os sinais destinavam-se a sensibilizar os sentidos mais importantes: audição e visão. Lucas não diz que um vento tinha soprado; mas que o som era um símbolo, assim como as “línguas de fogo”. O som como de um vento impetuoso representava o poder do céu. As línguas como de fogo, por cima da cabeça deles,

simbolizavam a capacidade de falar miraculosamente, em idiomas que não haviam aprendido, em reversão da “confusão das línguas”, por ocasião da construção da torre de Babel.

- e) Embora sendo um fenômeno de alcance coletivo, no qual todos ali reunidos ficaram cheios do Espírito Santo, cada um deles foi capacitado a falar em outras línguas ou idiomas.
- f) Pessoas presentes ali em Jerusalém, de diferentes regiões, com línguas ou idiomas ou dialetos próprios foram tomadas de perplexidade, tanto pelas vozes que ouviam na sua “língua materna” quanto por aqueles que falavam, gente simples, talvez incultas, que desconheciam a linguagem que usavam na transmissão da mensagem de Deus. Sem dúvida, aqui reside a evidência maior de um milagre divino, genuíno e autêntico.
- g) Por fim, foi um fenômeno sobrenatural autêntico e coletivo do “falar em línguas” e não de “ouvir em línguas”. Com todo o respeito aos que pensam diferente, é preciso realçar essa evidência bíblica. Isso porque existe uma tentativa de interpretação alternativa, baseada nas expressões contidas nos versículos 6 e 8, de que eles os ouviam falar na sua própria língua. Esta interpretação não se sustenta por algumas razões: (i) A promessa de Jesus era que eles falariam em novas (novas, naturalmente, para aqueles que as falariam) línguas (Mc 16.17); (ii) O texto que descreve o fenômeno é enfático e claro: “... e passaram a falar em outras línguas, segundo o Espírito lhes concedia que falassem.” (At 2.4). Do ponto de vista do receptor é natural dizer-se que ouviam na sua própria língua; (iii) Em outras ocorrências posteriores deste fenômeno é narrado que, em Cesaréia, os judeus que acompanharam Pedro testemunharam que, ao receberem o Espírito Santo aqueles gentios falaram em línguas (At 10.45-46); em Éfeso, os que receberam o Espírito falaram em línguas e profetizavam (At 19.6); (iv) Referindo-se aos dons espirituais e na regulamentação da variedade de

línguas, o apóstolo Paulo também cita o da interpretação dessas línguas, sem o que as pessoas não entenderiam (1Co 12.10, 30; 14.2, 13 etc.); (v) Não faria sentido que, no Pentecostes, o fenômeno fosse de “falar” enquanto nas demais ocorrências fosse de “ouvir”; (vi) Como se poderia identificar que outras línguas estavam sendo faladas se, efetivamente, elas não estivessem sendo faladas? (vii) Ainda que não tão contundente como as razões anteriormente apresentadas, se o fenômeno fosse de “ouvir” e não de “falar” não seria mais lógico aquelas “línguas de fogo” tivessem tomado a forma de “ouvidos de fogo”, o que para Deus não representaria qualquer dificuldade? O texto não afirma que aquilo que se via era fogo (que naturalmente se parece com uma língua), mas “como de fogo”, parecido com fogo.

De fato, a promessa da descida do Espírito Santo estava cumprida. Este mesmo Espírito passava então a impulsionar e dirigir a Igreja na execução dos planos divinos.

Aqui está o cumprimento do que Jesus profetizou em Marcos 16.17. O texto não dá margem a dúvidas. Capacitados pelo Espírito Santo eles falaram idiomas humanos, desconhecidos daqueles que os falavam, mas perfeitamente conhecidos para aqueles que os escutavam, gente de várias nações ou regiões diferentes. Um novo momento, um novo processo, um novo propósito, estavam em curso. Deus estava iniciando um chamado a todos os povos, línguas e nações “para fora”, para constituírem, assim, o novo povo de Deus, a igreja. Este é o sentido do termo igreja, a *ECCLESIA* (lat.) ou *EKKLESIA* (gr.). “*EK*”, que significa “movimento para fora” e “*KLESIA*”, do verbo *KALEO* (gr.), chamar. A Septuaginta (100 a.C.) emprega o termo quando traduz a palavra hebraica “*kahal*”, que designava a congregação dos israelitas como uma coletividade nacional. Logo, “*ekklesia*” é a assembleia dos “chamados para fora” do mundo para viverem como filhos de Deus, na casa do Pai. “*Também eu te digo que*

tu és Pedro, e sobre esta pedra edificarei a minha igreja, e as portas do inferno não prevalecerão contra ela.” (Mt 16.18).

Um fato extraordinário e histórico para a humanidade estava ocorrendo ali, naquele dia de Pentecostes. Deus estava revertendo, diante dos olhos e ouvidos de todos, a maldição da confusão das línguas em Babel. Lá em Gênesis 11 a humanidade se separou em diversos povos, pressionados pela barreira da língua; mas agora, após a morte de Cristo e com o derramamento do Espírito Santo, há um chamado universal para a participação no novo povo de Deus. Aqui em Atos 2 as línguas ou idiomas estrangeiros foram dados como sinal da vinda do poder unificador do Espírito Santo, para transmitir a mensagem do evangelho aos incrédulos das diversas nações ali presentes e para glorificar a Deus. Assim, devemos ter em mente, desde já, que no Pentecostes as línguas tiveram, também, o propósito de desfazer a confusão de Babel e não de tornar a igreja uma nova Babel! O que era para ser elemento de agregação, os homens têm transformado em elemento de discórdia e separação, com o problema da língua ininteligível, tratado pelo apóstolo em 1Coríntios 14. A igreja não precisa de muitas línguas, precisa sim de uma linguagem única, a linguagem do amor a Deus e ao próximo, que é a síntese de todos os mandamentos formulada pelo Senhor Jesus Cristo.

5.2.2 Atos 10

Na rota de expansão da Igreja aparece agora o gentio Cornélio, os que estavam em sua casa e os demais gentios, o que podemos chamar de “Pentecostes gentílico” (At 10.44-47). O próximo "ato do Espírito", na direção do estabelecimento de uma Igreja Universal era o rompimento do "racismo judaico". Para um povo que durante séculos foi chamado de "povo de Deus", proibido por lei de se misturar matrimonialmente com outros povos (Dt 7.3), proibido de entrar na casa de estrangeiros e fazer refeições com estes (At 10.28; 11.3); ter que

modificar toda essa herança cultural, admitindo agora uma união fraternal com cristãos de outras nações, não seria tarefa fácil.

Sobre o derramamento especial do Espírito na casa de Cornélio e o falar em línguas devemos considerar os seguintes pontos:

1º) Era chegada a hora dos gentios e Deus intervém na vida de Cornélio e de Pedro. Para que Pedro pudesse se convencer do caráter universal da igreja e, mais tarde, tivesse argumentos para se defender perante os judeus (At 11.1-18) foi necessária uma manifestação especial da parte de Deus: uma visão celestial a cada parte envolvida (Pedro e Cornélio) e um derramamento do Espírito sobre os dois grupos reunidos.

2º) A identificação deste derramamento como um "Pentecostes gentílico" é perfeitamente aceitável:

- O Espírito foi concedido a todos, de forma inesperada (como no princípio), portanto, sem imposição de mãos (como em Samaria), causando perplexidade aos judeus presentes;
- A forma exterior usada para autenticar o dom do Espírito não foi exatamente igual à do primeiro Pentecostes, porém teve em comum o falar em línguas;
- Pedro, em sua defesa perante a igreja de Jerusalém, colocou o acontecimento de Cesaréia no mesmo nível do primeiro Pentecostes - *"como também sobre nós no princípio"* (At 11.15; comp. At 11.17);
- Pedro concluiu que esses derramamentos estavam relacionados com o cumprimento da promessa de Jesus sobre o "batismo com o Espírito Santo" (At 11.16).

4º) Para aqueles que defendem o batismo com o Espírito Santo como uma segunda bênção, sendo a primeira a conversão, fica muito difícil explicar este texto. Pedro não havia sequer concluído sua pregação e o Espírito "caiu sobre ele". Não se pode caracterizar aqui essas supostas etapas da carreira cristã. Para aqueles que defendem que somente podem ser considerados batizados com o Espírito os que tiveram a experiência de falar em línguas naquela ocasião, como explicar que em outros casos, como no "Pentecostes eclesiástico"(At 4.31) e no "Pentecostes samaritano"(At 8.14-17) esse fenômeno não tenha sido registrado?

5º) Seria humanamente improvável que Pedro viesse a batizar esses cristãos de Cesaréia se o Espírito não o tivesse antecedido, com manifestações inequívocas da aprovação divina.

"Logo, também aos gentios foi por Deus concedido o arrependimento para vida" (At 11.18)

A igreja judaica reunida, finalmente concluiu que novos tempos eram chegados. A atuação eficaz do Espírito permitiu-lhes perceber que Jesus é o Salvador de todos os que creem na sua obra redentora, tornando-se assim membros do seu corpo - a Igreja Invisível.

O que ocorreu com o dom de línguas no Pentecostes de Atos 2 é muito claro. Outros dois "Pentecostes" aconteceram depois deste, o eclesiástico (At 4.31) e o samaritano (At 8.14-17). Nestes dois casos há o registro da manifestação do Espírito Santo e nada é mencionado sobre o falar em línguas. No Pentecostes gentílico (At 10.44-47) mais uma vez o dom de línguas se manifestou. Entretanto, nenhuma informação adicional temos aqui sobre que línguas eram essas, ou seja, estrangeiras ou estranhas (ininteligíveis). Além de falar em línguas eles engrandeciam a Deus.

5.2.3 Atos 19

“E, impondo-lhes Paulo as mãos, veio sobre eles o Espírito Santo; e tanto falavam em línguas como profetizavam.” (At 19.6)

Quando o apóstolo Paulo chegou a Éfeso, encontrou ali doze pessoas que faziam parte de um grupo maior – os discípulos de João Batista. Ali Deus se manifestou e aconteceu o que podemos chamar de o "Pentecostes efésio" (At 19.1-7). João Batista havia cumprido uma missão importante, a de ser o precursor de Jesus. Entretanto, não estava nos planos de Deus que os seguidores de João criassem uma religião à parte. Todo o seu ministério apontava para o Messias. Era a Cristo que deveriam seguir. Também não convinha que esses discípulos, ao crerem em Jesus, formassem uma "igreja joanina" dentro da Igreja Cristã. Era necessário que os cristãos deixassem de lado aspectos políticos, étnicos, sociais etc., para se integrarem como igreja.

Ao contrário do que alguns afirmam, estes doze discípulos não eram convertidos. Pode um crente evangélico desconhecer o Espírito Santo? É certo que não! Eles ouviram e receberam a palavra evangelística de Paulo, por isso foram batizados com água. A seguir, pela imposição de mãos, veio sobre eles o Espírito. Os sinais externos mais uma vez foram dados, *"falavam em línguas como profetizavam"*, para autenticar a integração destes ao corpo de Cristo.

É notório que este mesmo dom das línguas é dado em novas etapas da expansão da igreja e, conforme conferido nas Escrituras, somente nessas etapas. A mesma forma de manifestação desse falar em línguas está presente em cada caso mencionado, isto é, línguas ou linguagem conhecida e compreendida. A ideia de que foram proferidas palavras desconhecidas e históricas, línguas estranhas, deve ser descartada.

Portanto, o objetivo claro e inequívoco dos cinco "Pentecostes" aos quais nos referimos foi um só – unir a igreja. Em vez de cinco igrejas distintas, isto é, a dos apóstolos, dos judeus, dos samaritanos, dos gentios e dos discípulos de João Batista, há uma igreja única, um só rebanho com um só Pastor, que não reconhece barreiras humanas, à qual pertencem todos os remidos pelo sangue de Jesus.

É lamentável verificar no cristianismo atual, a existência de irmãos que se apegam fortemente a pontos de vista denominacionais, contrariando, desta forma, toda a obra unificadora do Espírito, nos primórdios da igreja.

5.2.4 Qual a utilidade e propósito do falar em línguas

O falar em línguas, no livro de Atos, tem pelo menos três aspectos relevantes:

1º) Um sinal da manifestação divina.

Assim como a autoridade de Cristo foi autenticada com milagres, prodígios e sinais realizados por Deus através dele (Jo 20.30-31; At 2.22), da mesma forma os sinais seriam a forma de autenticação da mensagem e dos mensageiros após sua partida, enquanto o Livro Santo estava sendo escrito. Na pregação de Atos 2, o apóstolo Pedro associou o derramamento do Espírito Santo, no Pentecostes, ao cumprimento da profecia de Joel (At 2.17-18; comp. Jl 2.28-29). Particularmente a história dos judeus está repleta de sinais e eles vivem nessa expectativa, diferentemente de outros povos (1Co 1.22). Pode-se dizer que esses sinais fazem parte do *modus operandi* de Deus: *“dando Deus testemunho juntamente com eles, por sinais, prodígios e vários milagres e por distribuições do Espírito Santo, segundo a sua vontade.”* (Hb 2.4). Os sinais divinos autênticos não somente acompanhariam aqueles que cressem (Mc 16.17), mas também cumprem o propósito de promover a crença entre os incrédulos: *“Com este, deu Jesus princípio*

a seus sinais em Caná da Galiléia; manifestou a sua glória, e os seus discípulos creram nele.” (Jo 2.11; ver tb Jo 2.23; 4.48;). As credenciais apostólicas se firmaram nessas bases (2Co 12.12; ver tb At 2.43; 5.12). Mas é preciso ficar atento pois Satanás também tem suas estratégias de convencimento (Mt 24.24; Mc 13.22; 2Ts 2.9).

2º) Um facilitador da comunicação.

A comunicação é algo vital entre humanos e começou com o próprio Deus que se encontrava e falava com suas criaturas humanas na viração do dia (Gn 3.8). Deus sempre quis manter essa conexão, mas o homem se rebelou e quebrou a comunhão com o Criador. O evangelista João nos apresenta Jesus como o verbo encarnado, aquele que veio reconciliar o homem com Deus. Essa mensagem deveria alcançar todos os povos, tribos, línguas e nações. E, através do fenômeno das línguas a mensagem começou a alcançá-los: *“Ora, estavam habitando em Jerusalém judeus, homens piedosos, vindos de todas as nações debaixo do céu. Quando, pois, se fez ouvir aquela voz, afluiu a multidão, que se possuiu de perplexidade, porquanto cada um os ouvia falar na sua própria língua.”* (At 2.5-6). A comunicação da mensagem de salvação foi estabelecida, sendo potencializada em seu alcance pelo milagre divino. O resultado foi que alguns zombaram do que viram (At 2.13) e muitos outros a receberam e foram batizados com água (At 2.41).

3º) Um instrumento de glorificação e edificação.

Nos três fenômenos de línguas registrados no livro de Atos o que é que foi ouvido da parte daqueles que falaram?

“... Como os ouvimos falar em nossas próprias línguas as grandezas de Deus?” (At 2.11)

“pois os ouviam falando em línguas e engrandecendo a Deus...” (At 10.46)

“E, impondo-lhes Paulo as mãos, veio sobre eles o Espírito Santo; e tanto falavam em línguas como profetizavam.” (At 19.6)

Os próprios textos respondem e nos permitem entender que expressaram palavras de exaltação a Deus. Da mesma forma, ao profetizarem de forma inteligível, promoviam edificação espiritual.

6. O DOM DE LÍNGUAS.

Passaremos a abordar o “dom de línguas” como um dentre os vários dons espirituais concedidos à igreja, porém, de forma individual.

É preciso estabelecer um divisor de águas entre esses dois casos, o “falar coletivo” e o “dom individual”. Quanto ao “falar em línguas”, visto no tópico anterior, vale relembrar, sintetizando nos seguintes termos:

1º) O Senhor Jesus fez a promessa de certos sinais que seguiriam aqueles que cressem, sendo um deles o “falar em novas línguas” (Mc 16.17).

2º) Esta promessa se cumpriu, sempre de forma coletiva, conforme registros em Atos 2, 10 e 19. Desta forma, inaugurou e marcou o início da igreja, através de cinco “Pentecostes”, sendo apenas três deles com a ocorrência do fenômeno de línguas.

3º) Inicialmente foram inseridos os judeus. Na sequência, rompendo tradições e barreiras raciais, marcou a expansão da igreja com a inclusão de gentios, samaritanos, discípulos de João Batista etc. Tal manifestação sobrenatural era como o “tiro de largada” na vida cristã e não a “linha de chegada” numa espécie de topo da maturidade ou do desenvolvimento espiritual da carreira cristã.

4º) Não se trata de uma segunda bênção após a conversão, um batismo com o Espírito Santo que deve ser buscado incansavelmente, pois a Bíblia nos ensina que o recebemos quando cremos (1Co 12.13; Rm 8.9). Vale lembrar as cinco grandes operações do Espírito Santo: Convencimento (Jo 16.8-11), Regeneração (Jo 3.5; Tt 3.5), Habitação (Rm 8.9, 11; 1Co 3.16; 6.19), Selo (Ef 1.13; 4.30; 2Co 1.22) e Batismo num só corpo, o corpo de Cristo, a igreja (1Co 12.13)

6.1 O que dizem as Epístolas

Virando a página daquelas históricas, extraordinárias e significativas manifestações coletivas, registradas por Lucas no Livro de Atos, chegamos nas epístolas. Nelas iremos encontrar extensa instrução espiritual para o crente e para o bom andamento da igreja. Dentre os muitos ensinamentos e doutrinas, necessários e úteis, ali contidos, temos o tema dos dons espirituais que inclui o “dom de línguas”.

É interessante observar que, das 21 epístolas (de Romanos a Judas), 7 delas fazem referência a dons espirituais (Romanos, 1Coríntios, 1 e 2Timóteo, Hebreus, Tiago e 1Pedro). E, dessas 7 epístolas, apenas a de 1Coríntios trata do “dom de línguas” com vistas à sua regulamentação. Relembramos que Pedro e João, que eram apóstolos, bem como Tiago e Judas, os meio-irmãos de Jesus, escreveram sete epístolas de cunho doutrinário e instrução do Novo Testamento, sem fazer qualquer menção ao assunto “línguas”. Eles andaram com Jesus, estavam presentes no Pentecostes de Atos 2 e eram reputados como colunas da igreja.

Então, é o apóstolo Paulo quem nos oferece um esclarecedor conteúdo sobre línguas. Embora tenha escrito 13 epístolas, ele trata do assunto “línguas” apenas numa delas, não com o propósito de incentivá-la, pelo contrário, para corrigir e disciplinar o seu uso e

coibir abusos. Entendemos que ele escreveu inspirado por Deus, para edificação da igreja e não para simplesmente emitir sua opinião. Desta forma, é nesse texto de 1Coríntios 12 a 14 que a igreja vai se apoiar para firmar posição sobre esse dom.

6.1.1 Revisitando o contexto

Para uma melhor compreensão do assunto em pauta é importante esclarecer o contexto da epístola de 1Coríntios.

a) Quando o apóstolo escreveu esta epístola?

A ordem cronológica⁴ das epístolas paulinas geralmente é considerada assim:

1 Tessalonicenses (52 d.C.)

2 Tessalonicenses (53 d.C.)

1 e 2 Coríntios (57 d.C.)

Gálatas (57-58 d.C.)

Romanos (57-58 d.C.)

Filemom (61 d.C.)

Colossenses (61 d.C.)

Efésios (63 d.C.)

Filipenses (63 d.C.)

1 Timóteo (64 d.C.)

Tito (64 d.C.)

2 Timóteo (67 d.C.)

Portanto, a epístola foi uma das primeiras a serem escritas, o que ocorreu durante a sua terceira viagem missionária e após cerca de 28 anos do início da igreja (Atos 2). Aquele ainda era um tempo de transição, com muitas manifestações de sinais e milagres que

⁴ A BÍBLIA em ordem cronológica – Reese, Edward / Klassen, Frank – Ed. Vida

testemunhavam a presença e o poder de Deus no estabelecimento da sua igreja, que não seriam tão intensos após esse período. Na verdade, existem evidências bíblicas claras provando que mais tarde isso arrefeceu e nem todos os doentes eram curados, mesmo entre os apóstolos e pessoas mais próximas deles (Gl 4.12-14; 1Tm 5.23; 2Tm 4.20).

b) Qual a situação da igreja de Corinto?

Corinto era uma cidade portuária, um rico centro comercial. Era notória por sua idolatria, pecaminosidade e religiões de mistérios. “Embora as religiões de mistério incluíssem muitos ritos e muitas cerimônias, talvez nada as caracterizava melhor que suas práticas que chamavam de êxtase. Pelo êxtase os crentes nas religiões de mistério cultivavam uma comunhão mágica e sensual com a divindade. Faziam qualquer coisa a fim de ficar num estado semiconsciente, alucinatório e hipnótico, no qual acreditavam estar em contato sensual com divindades. Ao entrar num estado de euforia, era quase como se tivessem sido drogados. Achavam que se encontravam unidos com Deus.” (John F. MacArthur Jr)

“Sempre dou graças a meu Deus a vosso respeito, a propósito da sua graça, que vos foi dada em Cristo Jesus; porque, em tudo, fostes enriquecidos nele, em toda a palavra e em todo o conhecimento; assim como o testemunho de Cristo tem sido confirmado em vós, de maneira que não vos falte nenhum dom, aguardando vós a revelação de nosso Senhor Jesus Cristo, o qual também vos confirmará até ao fim, para serdes irrepreensíveis no Dia de nosso Senhor Jesus Cristo.” (1Co 1.4-8)

O apóstolo Paulo inicia sua carta com palavras amigáveis e amáveis, com potencial de desarmar os espíritos e abrir caminho para a recepção de uma mensagem carregada de exortação e repreensão. Não se pode exigir que uma igreja local seja perfeita. Entretanto, a

igreja de Corinto estava longe de ser uma igreja exemplar e modelo para as demais.

A igreja de Corinto, que havia sido fundada pelo apóstolo Paulo, ainda nos primeiros anos de sua organização começou a desviar-se dos padrões de conduta e de doutrina que o apóstolo a havia ensinado. Perguntas inquietantes feitas pelos crentes numa carta enviada ao apóstolo e notícias perturbadoras a respeito da situação dos crentes (1Co 7.1) contribuíram para a composição da epístola. O teor da carta nos dá a dimensão dos problemas ali existentes que inclui: (i) Divisões – a igreja estava dividida em quatro grupos (caps. 1 a 4); (ii) Desordens morais – incesto (cap. 5), demandas judiciais - disputas internas que eram submetidas a tribunais pagãos (cap. 6), impureza moral (cap. 6); (iii) Problemas quanto ao casamento (cap. 7); (iv) Problemas quanto a coisas (alimentos) consagradas a ídolos (caps 8 a 10); (v) Problemas relacionados ao culto público – uso do véu e participação das mulheres (cap. 11), desordens e embriaguez na celebração da Ceia do Senhor (cap. 11) e uso inadequado dos dons espirituais (caps. 12 a 14); (vi) Descrença na ressurreição dos mortos (cap. 15). Em algumas ocasiões ele usa palavras muito duras: “*Nisto não vos louvo*” (1Co 11.17, 22); “*Eu, porém, irmãos, não vos pude falar como a espirituais, e sim como a carnisais, como a crianças em Cristo.*” (1Co 3.1).

O desejo de se “parecer espiritual” pode ter sido a razão pela qual o dom de línguas foi tão explorado e pervertido. Os coríntios sabiam que o Espírito Santo estava operando. Mas os problemas começaram quando eles passaram a confundir a obra do Espírito Santo com os êxtases, os frenesis, e as práticas bizarras que conheceram anteriormente nas religiões pagãs das quais alguns provavelmente tinham vindo quando se converteram ou, pelo menos, no contexto religioso no qual viviam: “*Sabeis que, outrora, quando éreis gentios, deixáveis conduzir-vos aos ídolos mudos, segundo éreis guiados.*” (1Co 12.2). A situação era tal que se pode dizer que quanto mais uma pessoa se

agitasse ou parecesse estranha, mais espiritual e piedosa era considerada.

6.1.2 Uma visão geral

Três assuntos relacionados ao culto na igreja são tratados pelo apóstolo Paulo nos capítulos 11 a 14 de 1Coríntios: 1º) O uso do véu, pelas mulheres (1Co 11.2-16); 2º) A ceia do Senhor (1Co 11.17-34); e, 3º) Os dons espirituais (1Co 12 a 14). A falta de entendimento desses assuntos, bem como os abusos e irregularidades cometidos, estavam comprometendo a ordem e o desenvolvimento do culto público carecendo, portanto, da devida correção de rumo. Depois de dar instruções sobre os dois primeiros assuntos, o apóstolo passou a tratar do terceiro – os dons espirituais. Sem dúvida, este último é o mais complexo e o que ocupa a maior parte do texto. Paulo termina suas instruções sobre a Ceia, no capítulo 11, deixando em aberto algumas pendências a serem tratadas, posteriormente e pessoalmente. Entretanto o assunto dos dons espirituais precisava ser tratado imediatamente. Não devemos perder de vista que o contexto é uma igreja dividida e com problemas de ordem moral.

Portanto, em 1Coríntios 12.10, 28 e 30, este dom é apenas citado. No bojo da discussão de um assunto tão delicado e sensível é introduzida uma abordagem sobre o amor (cap. 13), como um tempero ou uma forma de minimizar as tensões provocadas pelo assunto e para evidenciar a supremacia deste – o amor – sobre os dons. No capítulo 14 de 1Coríntios o apóstolo Paulo apresenta vasta instrução sobre dons espirituais, principalmente profecia, variedade de línguas e interpretação, que abordaremos adiante.

6.2 Os Dons Espirituais

(1Coríntios 12)

“Ora, os dons são diversos, mas o Espírito é o mesmo. E também há diversidade nos serviços, mas o Senhor é o mesmo. E há diversidade nas realizações, mas o mesmo Deus é quem opera tudo em todos. A manifestação do Espírito é concedida a cada um visando a um fim proveitoso.” (1Co 12.4-7)

A presença e o poder do Espírito Santo são indispensáveis à igreja contemporânea, em face do avanço do poder das trevas. O correto uso dos dons espirituais é necessário quando se deseja uma igreja viva e atuante, capaz de influenciar a sociedade e despovoar o inferno.

Enquanto os ofícios e encargos dizem respeito às atividades ou serviços desenvolvidos na igreja, os dons (naturais e espirituais) nos remetem à questão da capacitação ou habilidade ou qualificação para a realização desses serviços. Não se pode deixar de mencionar aqui a relevância, para a igreja, daqueles dons espirituais ou sobrenaturais concedidos aos crentes, pelo Espírito Santo, bem como a importância daqueles dons naturais ou talentos que cada crente possui. Ao considerarmos os apóstolos Pedro e Paulo, ambos homens de Deus e cheios do Espírito Santo, constatamos que o papel desenvolvido ou o serviço desenvolvido por cada um deles foi, até certo ponto diferente: Pedro foi bastante usado por Deus na expansão do Evangelho, principalmente entre os judeus; enquanto Paulo, entre os gentios, sendo que coube, principalmente a Paulo, a sistematização e ensino da doutrina cristã. Certamente, porque os nossos talentos naturais e capacitações pessoais, quando submetidos a Deus, depositados ao pé da cruz de Cristo, podem e serão usados por ele.

6.2.1 Dom Natural ou Talento

Dom natural ou talento é a capacitação que nos permite usar, de forma excepcional, as competências que cada um de nós tem ou adquire ao longo da vida e, assim, gerar resultados diferenciados e

significativos. Todos nascemos com competências, ou aptidões para certos tipos de trabalhos ou atividades. Precisamos identificá-las, desenvolvê-las e empregá-las, para o bem da família, da igreja e da sociedade.

6.2.2. Dom Espiritual ou Sobrenatural

“A respeito dos dons espirituais, não quero, irmãos, que sejais ignorantes.” (1Co 12.1). Não há dúvida de que precisamos conhecer as doutrinas bíblicas, tais como: da Redenção, da forma de atuação do Espírito Santo na igreja, da atualidade dos dons espirituais e a da Escatologia Bíblica ou da Doutrina das Últimas Coisas, dentre outras. Então, comecemos por não confundir “FRUTO DO ESPÍRITO”, com seus “9 gomos” (Gl 5.22-23), que são manifestações do caráter do crente regenerado pelo Espírito, com os “DONS DO ESPÍRITO” que são capacitações do Espírito Santo para as realizações na igreja. Também é necessário distinguir “dom natural ou talento”, de “dom espiritual ou sobrenatural”, em que pese o valor e utilidade de ambos a serviço de Deus, na igreja e fora dela. Os salvos (nascidos de novo) recebem o dom maior, que é o próprio Espírito. Os carismas do Espírito são dados para habilitar o crente – aquele que tem o Espírito Santo – a servir a Deus de modo útil.

a) Quantos e quais são esses dons?

Podemos dizer que há cerca de 20 dons espirituais, os quais são mencionados nas Escrituras Sagradas em **Romanos 12.6-8**, **1Coríntios 12.8-10**, **1Coríntios 12.28** e **Efébios 4.11**. Este assunto sempre foi e será importante e sensível para igreja. Há algumas décadas agitou o mundo eclesial e dividiu algumas igrejas. Há igrejas ou denominações que supervalorizam os dons espirituais, enquanto outras têm medo de lidar com o assunto. Há, também, crentes fascinados por tudo o que diz respeito a poder sobrenatural, mas pouco se importam com o amor cristão e com o discipulado que paga

o preço de um autêntico estilo de vida cristão. Os extremos são prejudiciais à igreja.

b) Para que servem esses dons?

“Se tem música e não tem Evangelho, é SHOW, não é igreja. Se tem ação social e não tem Evangelho, é ONG, não é igreja. Se tem um ambiente agradável e não tem Evangelho, é CLUBE, não é igreja.” (Pr. Ricardo Agreste). Nesta mesma linha, podemos acrescentar: Se é um grupo organizado, mas não tem o Espírito Santo e os Dons Espirituais, é ORGANIZAÇÃO, não é igreja, não é o corpo vivo de Cristo.

O apóstolo Paulo responde a essa pergunta, da seguinte forma:
“A manifestação do Espírito é concedida a cada um visando a um fim proveitoso.” (1Co 12.7)

“com vistas ao aperfeiçoamento dos santos para o desempenho do seu serviço, para a edificação do corpo de Cristo, até que todos cheguemos à unidade da fé e do pleno conhecimento do Filho de Deus, à perfeita varonilidade, à medida da estatura da plenitude de Cristo,” (Ef 4.12-13)

Não é difícil entender a importância desses dons para o funcionamento pleno e crescimento desse organismo vivo – a igreja – em que Cristo é “a cabeça” e “o cabeça”. Ao estudarmos os dons espirituais precisamos ter em mente os seguintes aspectos quanto a essas “manifestações do Espírito”:

- Os dons são parciais, isto é, são vários e específicos.
- Os dons são circunstanciais.
- Os dons têm uma função limitada.

c) Esses dons continuam ou cessaram?

De forma resumida e objetiva, podemos destacar que essa discussão é antiga, mas foi intensificada com o surgimento do movimento pentecostal, no início do século 20.

- “O **Cessacionismo** é a forma de pensar teológica que crê que alguns dons do Espírito Santo estavam restritos à era da Igreja Primitiva e que após esse tempo cessaram em grande parte”. Os reformados tendem a se alinhar com esta posição (Exemplos: A profecia preditiva; O dom de Apóstolo).
- “O **Continuismo** é a forma de pensar teológica que entende que tudo aquilo que Atos e o Novo Testamento apresentam como dons, em quaisquer espectros, continuam sendo aplicados por Deus para todo o decurso da história da Igreja. Para eles, os dons não teriam cessado, e os mesmos seriam, até hoje, a comprovação do poder de Deus e da autoridade concedida à Igreja e aos membros do Corpo de Cristo”. Os pentecostais e neopentecostais defendem essa posição. (Exemplos: Línguas, Visões e Revelações, Curas e Milagres extraordinários, Profecia Preditiva).
- Os **Cessacionistas moderados** creem que, os dons que Deus ainda opera, não necessariamente são operados da mesma forma que antes.

“Cremos que Deus continua a manifestar seus dons no meio da Igreja, mas a Escritura nos indica e a história nos confirma que os mesmos não precisam se aplicar da mesma forma ou intensidade com que se viam no Novo Testamento. É tão temerário dizer que Deus nada mais opera, quase limitando o poder de Deus, quanto dizer que ele tudo opera, quase limitando a soberania de Deus. Assim, nossa posição como reformados é extremamente salutar à luz da Escritura

Sagrada, o que é confirmado também por nossos credos e símbolos de fé.”

Finalmente, não podemos deixar de manifestar nossa tristeza e repulsa aos que, se dizendo cristãos evangélicos, distorcem e exploram os dons espirituais, iludindo e enganando os neófitos e rasos na fé. “A igreja não pode funcionar sem os dons espirituais e, naturalmente, Satanás vai tentar falsificá-los a todo instante. Ele vai fazer tudo que puder para causar desentendimentos e conceitos errados sobre os dons espirituais, a fim de causar confusão e caos. Aconteceu em Corinto e está acontecendo hoje”. (John F. MacArthur Jr). Enfim:

Verdadeiramente não podemos ser ignorantes quanto aos dons espirituais, nem aos princípios básicos da fé cristã. É preciso conhecer bem e praticar a Palavra de Deus, não se deixando levar por ventos de doutrinas e modismos de última hora.

Você já identificou seus dons naturais e espirituais e está utilizando-os na obra de Deus?

Independentemente se todos esses dons continuam, se alguns deles cessaram ou quase não se manifestam, atualmente (Continuismo, Cessacionismo e Cessacionismo moderado), são estes os 20 dons mencionados no Novo Testamento:

a) Dons Ministeriais:

(Dons que concedem capacitação sobrenatural para o exercício dos ministérios.)

1º) O dom de APÓSTOLO (Ef 4.11a; 1Co 12.28a)

No sentido de apóstolo de Jesus ficou restrito aos doze (ou treze – Paulo 1Co 9.1), conforme credenciais do apóstolado (2Co 12.12; At

1.21-22). No sentido da palavra (gr, *αποστολος* ou *apostolos*) é um enviado, conhecido pela igreja de hoje como um missionário.

2º) O dom de PROFETA (Ef 4.11b; 1Co 12.28b)

No sentido bíblico do AT (gr. *προφητης* ou *prophetes*) os profetas eram a boca de Deus aos homens para denunciar o pecado, advertir, anunciar o julgamento divino, a restauração futura e, finalmente, o julgamento dos povos usados como instrumento divino para aplicar o castigo a Israel. E, também, para exortar, consolar, ensinar e aconselhar, com toda a autoridade de quem representa e fala em nome de Deus ao povo. Este ministério findou com João Batista, conforme as palavras de Jesus em Mt 11.13. Mas, Jesus foi e é o ápice deste ministério: *“Havendo Deus, outrora, falado, muitas vezes e de muitas maneiras, aos pais, pelos profetas, nestes últimos dias, nos falou pelo Filho, a quem constituiu herdeiro de todas as coisas, pelo qual também fez o universo.”* (Hb 11.1-2). Portanto, em termos de igreja, os profetas de hoje são os pregadores da Palavra de Deus. *“Mas o que profetiza fala aos homens, edificando, exortando e consolando.”* (1Co 14.3)

3º) O dom de EVANGELISTA (Ef 4.11c)

O dom de evangelista se caracteriza pela capacitação sobrenatural concedida pelo Espírito Santo para anunciar o evangelho; expor com clareza e persuasão o caminho da salvação em Jesus. Exemplo disso é o diácono Filipe, o evangelista (At 21.8). Não podemos perder de vista que todo o cristão é chamado a pregar o evangelho e não apenas os que recebem uma capacitação especial.

4º) O dom de PASTOR (Ef 4.11d)

O dom de pastor se caracteriza pela capacitação sobrenatural concedida pelo Espírito Santo para “cuidar”, “apascentar” o rebanho de Deus. O dom de pastor não deve ser confundido com o ofício de

pastor de uma igreja. Enquanto o dom de evangelista é usado para alcançar os não convertidos, o dom de pastor para cuidar dos convertidos.

5º) O dom de MESTRE (Ef 4.11; Rm12.7b; 1Co 12.28c)

O dom de mestre se caracteriza pela capacitação sobrenatural concedida pelo Espírito Santo para “ensinar” a Palavra de Deus – a Bíblia – a Sã Doutrina. O mestre é aquele que conhece e pratica a Bíblia e é apto, hábil, para transmitir aos outros as verdades bíblicas.

b) Dons Operacionais:

(Dons que concedem capacitação sobrenatural para o funcionamento da Igreja.)

6º) O dom de PROFECIA (Rm 12.6; 1Co 12.10b)

O dom de profecia (gr, *Propheteia*) é a proclamação e exposição de algo novo e importante recebido de Deus, das Sagradas Escrituras, mediante o poder do Espírito Santo, para edificar, exortar e consolar um irmão ou a igreja (1Co 14.3).

7º) O dom de EXORTAÇÃO (Rm 12.8a)

O dom de exortação se caracteriza pela capacitação sobrenatural concedida pelo Espírito Santo para convencer, persuadir, aconselhar, animar, encorajar alguém a seguir determinada conduta, principalmente os valores da vida cristã.

8º) O dom de GOVERNO (Rm 12.8c; 1Co 12.28g)

O dom de governo se caracteriza pela capacitação sobrenatural concedida pelo Espírito Santo para presidir e liderar.

9º) O dom de MINISTÉRIO ou SERVIÇO (Rm 12.7a)

O dom de ministério ou serviço (gr, *diakonia*) se caracteriza pela capacitação sobrenatural concedida pelo Espírito Santo para servir a igreja, os irmãos ou o próximo, nas múltiplas oportunidades e situações que se nos oferecem no cotidiano.

10º) O dom de MISERICÓRDIA (Rm 12.8d)

O dom de misericórdia se caracteriza pela capacitação sobrenatural concedida pelo Espírito Santo para exercer misericórdia, aliviando a aflição e o sofrimento, perdoando os faltosos.

11º) O dom de SOCORROS (1Co 12.28f)

O dom de socorros se caracteriza pela capacitação sobrenatural concedida pelo Espírito Santo para auxiliar, ajudar, suportar a carga de outros.

12º) O dom de CONTRIBUIR (Rm 12.8b)

O dom de contribuir se caracteriza pela capacitação sobrenatural concedida pelo Espírito Santo para dar, repartir, recursos financeiros e outras bênçãos recebidas de Deus. Vale lembrar que “Deus dá! O Diabo rouba! O homem retém!” (quanto ao homem, essa é a sua tendência).

c) Dons de Revelação:

(Dons que concedem capacitação sobrenatural para saber.)

13º) O dom da PALAVRA DE SABEDORIA (1Co 12.8a)

O dom da Palavra de Sabedoria (gr, *Logos Sophia*) se caracteriza pela comunicação de uma palavra (*logos*) de sabedoria a outros, revelada

mediante a operação sobrenatural do Espírito Santo. Tal palavra aplica a sabedoria da Palavra de Deus ou a sabedoria do Espírito Santo a uma situação ou problema específicos.

14º) O dom da PALAVRA DE CONHECIMENTO (1Co 12.8b)

O dom da Palavra de Conhecimento (gr, *Logos Sophia*) se caracteriza pela comunicação de uma palavra (*logos*) a outros, mediante a operação sobrenatural do Espírito Santo, revelando conhecimento a respeito de pessoas, de fatos, de circunstâncias, ou de verdades bíblicas.

15º) O dom de DISCERNIMENTO DE ESPÍRITOS (1Co 12.10c)

O dom de discernimento de espíritos (gr, *Diakriseis Pneumatou*) é a capacidade sobrenatural, conferida pelo Espírito Santo, para identificar se determinada manifestação tem origem divina ou satânica ou humana.

d) Dons de Poder:

(Dons que concedem capacitação sobrenatural para agir.)

16º) O dom da FÉ (1Co 12.9a)

O dom da fé (gr, *Pistis*) se caracteriza por uma profunda e sobrenatural convicção e certeza, inoculadas pelo Espírito Santo, de algo a ser realizado que seja proveitoso para a igreja, para o reino de Deus ou para pessoas que Deus queira abençoar.

17º) Os dons de CURAR (1Co 12.9b; 1Co 12.28e)

Os dons de curar (gr, *Carismata Iamaton*) se caracterizam por um poder sobrenatural, outorgado pelo Espírito Santo, para o restabelecimento imediato da saúde de pessoas enfermas alcançadas

pela misericórdia de Deus, para a glória de Deus, para testemunho do Evangelho e para bênção da Igreja de Cristo.

18º) O dom de OPERAÇÃO DE MILAGRES (1Co 12.10a; 1Co 12.28d)

O dom de operação de milagres (gr, *Energemata Dynameon*) é uma intervenção sobrenatural nas leis da natureza ou no mundo, mediante o poder do Espírito Santo.

e) Dons de Comunicação:

(Dons que concedem capacitação sobrenatural para se comunicar.)

19º) O dom de LÍNGUAS (1Co 12.10d; 1Co 12.28h)

O dom de variedade de línguas é a capacidade sobrenatural, conferida pelo Espírito Santo, para falar em outra língua desconhecida para quem fala.

20º) O dom de INTERPRETAÇÃO DE LÍNGUAS (1Co 12.10e)

O dom de interpretação de línguas é a capacidade sobrenatural, conferida pelo Espírito Santo, para se interpretar outra língua, desconhecida para quem fala e para quem a interpreta.

Reflexão:

A presença de sinais e prodígios não é garantia da manifestação do poder do Espírito Santo: *“porque surgirão falsos cristos e falsos profetas operando grandes sinais e prodígios para enganar, se possível, os próprios eleitos.”* (Mt 24.24). Por outro lado, a ausência de sinais também não é garantia de um status espiritual superior, de mais equilíbrio, de doutrina correta. Pode ser até um sintoma de apostasia, de vida em pecado e conseqüente afastamento de Deus. De fato, a questão é que a igreja não pode prescindir da ação e do poder do Espírito Santo!

6.3 O Amor e os Dons Espirituais

(1Coríntios 13)

“Agora, pois, permanecem a fé, a esperança e o amor, estes três; porém o maior destes é o amor.” (1Co 13.13)

Este capítulo 13 é um precioso achado nesta carta. Muitas vezes esse texto recebe um olhar romantizado como se estivesse dissociado do seu contexto; um ensaio poético sobre o amor. Entretanto, enquanto eles estavam obcecados pelos dons espirituais, não se dando conta dos inúmeros problemas internos que viviam, o apóstolo procura mostrar-lhes *“um caminho sobremodo excelente”* (1Co 12.31b). Assim, o ingrediente, o recheio, o tempero especial e indispensável para o uso dos dons é o AMOR! Uma das principais preocupações do apóstolo Paulo era que os crentes de Corinto estavam usando os dons do Espírito sem o amor. Estavam mais interessados em uma *“viagem espiritual do ego”* ou em desfrutarem uma euforia espiritual do que em tratarem uns aos outros com amor sacrificial – o amor ágape.

Em 1Coríntios 13.1 o apóstolo Paulo faz referência às *“línguas dos homens e dos anjos”*. Sabemos que os homens sobre a face da terra se comunicam através de vários idiomas. Ainda que a referência a línguas dos anjos possa ter sido uma retórica, sabemos que há comunicação inteligente no mundo espiritual entre os seres espirituais. No mundo material a comunicação verbal parte do pensamento, agindo então no sistema nervoso central como fonte/emissor de comunicação, que cria a mensagem utilizando um código inteligente (codificador/estrutura de significação) e aciona seu mecanismo vocal (transdutor) para produzir a mensagem. Através das moléculas do ar (canal) a mensagem chega ao mecanismo auditivo do receptor (transdutor), que transforma as ondas sonoras em impulso nervoso, enviando ao sistema nervoso central (receptor/destino da comunicação) que decodifica a mensagem (decodificador/estrutura de significação).

Entre seres espirituais a comunicação é direta, pois não há boca nem ouvidos. Entre seres espirituais e humanos, os primeiros precisam falar ou se comunicar respeitando a estrutura de significação destes últimos. Mas Deus pode produzir diretamente na nossa mente a sua mensagem, através de sonhos e visões (Jó 33.14-16; Nm 12.6-8). Por outro lado, ele conhece o mais profundo do nosso pensamento, de modo que nem precisamos articular qualquer palavra para que ele nos ouça: *“Ainda a palavra me não chegou à língua, e tu, SENHOR, já a conheces toda.”* (Sl 139.4).

No centro deste capítulo encontramos uma das mais belas definições do amor: *“... o amor é ...”* (1Co 13.4-7). Um amor que procede de Deus – Deus é amor – e se projeta no nosso próximo. Um amor que não é tão exigente em detectar e condenar as fraquezas e falhas do outro. Um amor que não busca os interesses próprios nem o reconhecimento e aplauso, mas a glória de Deus. Um amor que quer o bem do outro e a promoção da justiça e da verdade. Um amor que *“tudo sofre, tudo crê, tudo espera, tudo suporta.”*

A natureza humana parece se impressionar e se empolgar muito mais com sinais e prodígios do que com conceitos e boas atitudes que expressam o verdadeiro amor, a Deus e ao próximo. Qual teria sido a reação deles quando o apóstolo confrontou a perenidade do amor com a transitoriedade dos dons? Aí os teólogos entram em cena, pegam o gancho para expor suas teorias quanto ao tempo em que se dará essa cessação dos dons. As conjecturas são muitas, porém nada mais certo do que entender que eles terminarão quando completarem os propósitos para os quais foram dados. Se o dom de línguas ficou restrito à era apostólica ou se se estenderá até à segunda vinda de Cristo não é a única questão a ser respondida. É preciso lembrar que, no contexto bíblico, este é um dom muito pontual. Também é preciso lembrar que Deus é soberano e o Espírito Santo foi derramado no Pentecostes e fará a sua obra na Igreja de Cristo até o seu arrebatamento. Para ilustrar e mostrar que o Espírito Santo está entre

nós e fará o que lhe apraz sem levar em conta as nossas posições e interpretações, corretas ou equivocadas, relatamos, a seguir, um caso que chegou ao meu conhecimento por pessoa idônea e confiável.

Essa história é verídica e ocorreu por volta da década de 1960 ou 1970, com a irmã Odete, uma crente simples, analfabeta, porém muito temente a Deus e pronta a ajudar, da Assembleia de Deus. Morava em Xerém, um distrito da Cidade de Duque de Caxias – RJ, numa casa muito próxima da rodovia que desce da cidade de Petrópolis. Certo dia, um homem que não falava a língua portuguesa, cônsul da Alemanha, descia de Petrópolis, sozinho em seu carro, quando sofreu um acidente, saindo da rodovia num ponto não muito distante da casa da irmã Odete. No momento do acidente, estando em sua casa, ela ouviu Deus lhe falando para colocar uma roupa e sair, pois ele iria lhe mostrar aonde ir. Ela seguiu o chamado divino e chegou ao local do acidente. Viu ali algumas pessoas tentando ajudar o homem acidentado que estava passando mal. Foi impelida por Deus a se aproximar e falar com o homem. Sem perceber, ela conversou com ele em Alemão, idioma que jamais aprendera a falar. Ele pediu-lhe para trazer uma caixa de remédios que estava em determinado lugar do carro. Provavelmente teria se sentido mal e perdido a direção do carro por não ter tomado o remédio do qual era dependente. Ele tomou o remédio e começou a melhorar. Por sua vez, a irmã Odete lhe disse que Deus a enviara até ele para dizer-lhe que precisava acertar sua vida espiritual. Finalmente a ambulância chegou e o levou para o hospital. Tempos depois, ele retornou ao local, acompanhado de um assessor e intérprete, para se encontrar com a irmã Odete e lhe recompensar financeiramente pela ajuda prestada. Apesar de estar precisando daquele dinheiro, ela recusou. Porém, o fato mais curioso dessa história é que nesse segundo encontro ela não entendeu uma só palavra, em alemão, do que ele dizia. Ele teve que se socorrer do intérprete.

Percebe-se, então, que Deus é o mesmo ontem, hoje e eternamente e, opera como e quando quer. A intervenção divina na história humana é contínua, mas não é linear; é pontual, oportuna e impactante. No contexto da história bíblica, podem ser facilmente identificados três períodos de grande intervenção divina. Cada um desses períodos durou menos de um século e foi marcado por milagres, que são acontecimentos que não têm uma explicação natural. São eles:

- Quando da formação da nação de Israel, sob Moisés e Josué.
- Quando o culto a Baal ameaçava destruir toda a adoração a Deus, sob Elias e Eliseu.
- Quando do estabelecimento da igreja, sob Cristo e os apóstolos (predominantemente).

Depois da maior e mais intensa manifestação de Deus, da mais intensa luz da revelação divina, em Jesus, o registro bíblico traz indicações de um provável desvanecimento ainda na era apostólica. O próprio apóstolo Paulo que curou doentes e ressuscitou mortos, escreve que ele mesmo teve que aprender a viver com um “espinho na carne”, provavelmente uma enfermidade (2Coríntios 12) e Epafrodito (Fp 2.27), Timóteo (1Tm 5.23) e Trófimo (2Tm 4.20), todos cooperadores próximos, estiveram seriamente doentes. Não há qualquer referência que fossem milagrosamente curados. Paulo não perdeu o seu poder espiritual, apenas os tempos mudaram.

6.4 Dom de Variedades de Línguas

(1Coríntios 14) (*γενη γλωσσων*)

Ao nos depararmos com o fenômeno das línguas na igreja surgem logo muitas e desafiantes indagações. As línguas são idiomas conhecidos ou são dialetos estranhos, ininteligíveis? O que é este

dom? Qual o propósito deste dom? Qual a importância deste dom quando comparado com os demais? Qual a relação entre este dom e o batismo com o Espírito Santo? O que acontece com este dom na igreja de ontem e de hoje?

6.4.1 O que é este dom?

O dom de variedade de línguas é a capacidade sobrenatural, conferida pelo Espírito Santo, para falar em outra língua desconhecida para quem fala.

Portanto, para ser dom do Espírito a língua tem que ser, necessariamente, desconhecida para quem a fala. Com base em 1Coríntios 14.2 alguns interpretam que a língua pode ser estranha ou não correspondente a qualquer idioma conhecido pelos homens quando dirigida a Deus, o que não pode ser comprovado bíblicamente.

6.4.2 Qual a importância deste dom?

Na lista de dons de 1Coríntios 12.8-10 não é provável que haja uma ordem hierárquica. Entretanto, na lista de 1Coríntios 12.28 a impressão é que haja uma ordem de importância entre os dons ali citados. Neste caso, o dom de variedade de línguas ocupa o último lugar. Em 1Coríntios 14.39, o dom de profetizar é recomendado e o de línguas não deve ser proibido, o que denota a problemática que envolvia este último já naquela ocasião.

6.4.3 Quais são as características deste dom?

- a) É para falar a Deus e não a homens. (1Co 14.2)
- b) É para, em espírito, falar mistérios. (1Co 14.2)
- c) É para edificar a si próprio e não a igreja. (1Co 14.4)

- d) Falar a pessoas que não entendem o que está sendo dito não resulta em proveito. (1Co 14.6)
- e) É um dom incompleto, se aquele que fala não a puder interpretar. (1Co 14.13)
- f) No caso de se orar em outra língua, a mente ficará infrutífera. (1Co 14.14)
- g) É um sinal para os incrédulos. (1Co 14.22)
- h) Passa a impressão de loucura, insanidade mental, quando toda a igreja reunida irrompe a falar em outras línguas. (1Co 14.23)

6.4.4 Alguns aspectos relevantes.

Deste capítulo 14 podemos extrair alguns ensinamentos:

1º) Na vida cristã, trafegue pela estrada do amor procurando levar na bagagem os dons espirituais (1Co 14.1).

2º) A profecia⁵ tem precedência sobre o dom de línguas (1Co 14.1), porque é a comunicação com pessoas promovendo edificação, exortação e consolo (1Co 14.3), porque edifica a igreja (1Co 14.4, 19).

3º) O dom de línguas pode se equiparar a profecia se houver interpretação e a igreja for edificada (1Co 14.5).

4º) Quem deseja progredir na vida cristã deve procurar dons espirituais que levem a edificação da igreja (1Co 14.12).

5º) Tão importante quanto orar, cantar e bendizer em espírito é fazê-lo também com a mente, com discernimento (1Co 14.14-17).

⁵ O *dom de profecia* é a proclamação e exposição de algo novo e importante recebido de Deus, das Sagradas Escrituras, mediante o poder do Espírito Santo, para edificar, exortar e consolar um irmão ou a igreja.

6º) No ajuntamento da igreja a participação de cada um é bem-vinda e deve buscar a edificação (1Co 14.26).

7º) É preciso ter disciplina na liturgia eclesiástica, com moderação e autocontrole na participação (1Co 14.27-32).

8º) É recomendado procurar o dom de profecia e não proibir o falar em outras línguas (1Co 14.40).

9º) A decência e ordem devem nortear o culto público (1Co 14.40).

6.4.5 Qual a relação entre este dom e o batismo com o Espírito Santo?

Considerando que o Espírito Santo é invisível, no Pentecostes de Atos 2 Deus manifestou alguns sinais audíveis e visíveis para testificar a presença do seu Santo Espírito (At 2.2-4). O próprio falar em línguas figura como um sinal da plenitude do Espírito Santo no livro de Atos. Isso poderá ocorrer sempre que Deus assim o desejar. O que não podemos aceitar como tendo respaldo bíblico é a questão da busca de um suposto batismo com o Espírito Santo, como uma segunda bênção que se segue à salvação, com a obrigatoriedade de se falar em línguas, para provar aos demais crentes que a partir desta experiência se recebeu o Espírito Santo.

Nós cremos que o Espírito Santo é recebido quando se crê em Jesus e a partir de então é preciso buscar o enchimento deste mesmo Espírito, através da submissão à vontade de Deus. Além disso, nos termos de 1Coríntios 12.10, o dom de línguas não é universal, não é distribuído a todos os crentes.

6.4.6 Algumas explicações para línguas

No livro “Os Carismáticos” o autor John F. MacArthur Jr apresenta algumas possibilidades para se falar em línguas, a saber:

1ª) As línguas podem ser satânicas.

Em alguns casos o falar em línguas pode ser obra do diabo. Por possessão demoníaca ou por influência maligna pessoas de falsas religiões teriam essa capacidade. Fatos assim teriam ocorrido e foram documentados no povo Tonga na África, entre maometanos, esquimós e monges do Tibete. Um laboratório de parapsicologia da Faculdade de Medicina da Universidade da Virgínia reporta incidentes de falar em línguas entre os praticantes do ocultismo.

Os defensores desse falar em línguas orientam que você deve se desarmar, se abrir, se entregar totalmente para receber esse dom. Assim você terá pleno gozo, paz, poder e unção espiritual. Não encontramos base bíblica para isso. O interessante é que a Yoga também conduz nessa mesma direção de meditação e abertura espiritual. Não seria isso uma abertura perigosa para o mundo espiritual e demoníaco?

2ª) As línguas podem ser um comportamento aprendido.

Neste caso não se trata de uma experiência sobrenatural ou um milagre. Uma pessoa simplesmente aprende como fazê-lo. Essa pode ser a melhor explicação para o que se observa em determinados grupos carismáticos, o que se chama de línguas estranhas. É significativo como muitos que assim se expressam usam os mesmos termos, palavras, sílabas e sons⁶. No seu livro “A Psicologia do Falar em Línguas”, John Kildahl definiu as línguas como taxativamente uma capacidade aprendida. Kildahl, psicólogo clínico, e seu sócio Paulo Qualben, psiquiatra, foram contratados pela igreja luterana americana e pelo Instituto Nacional de Saúde Mental para fazer um

⁶ Exemplos: cântara bashûia, mala mala kássî, xerebecanto, rabassúbia, demantorábia, sharanabáia, decantarabaia etc.

estudo profundo do fenômeno de línguas. Depois de todo o seu trabalho, eles chegaram à firme convicção de que nada mais era do que um comportamento aprendido.

“Dentro do movimento carismático, há muita pressão em pertencer ao grupo, em ter o mesmo desempenho, em possuir os mesmos dons e poder que todos os demais possuem. A “resposta” para os problemas espirituais é falar em línguas. É fácil ver porque as línguas tornam-se o denominador comum, o grande fim de tudo para todas as pessoas envolvidas.”

3ª) As línguas podem ser um surto psicológico.

“Alguns dos casos mais estranhos de línguas podem ser explicados psicologicamente. A pessoa que fala em línguas entra num automatismo motor, clinicamente descrito como um desprendimento interior radical do ambiente consciente. O automatismo motor resulta numa desassociação de quase todos os músculos voluntários do controle consciente.”

“É uma instrução geral dada a qualquer um que gostaria de falar em línguas, entrar numa ‘renúncia passiva do controle voluntário’. Ele deve se soltar, entregar o controle de sua voz. Ele deverá dizer apenas algumas palavras, deixando-se fluir. Ele não precisa pensar no que está dizendo.”

“Charles Smith, do Seminário Teológico da Graça (Grace Theological Seminary) tem um capítulo útil no seu livro *Línguas em sua Perspectiva Bíblica* (Tongues in Biblical Perspective), sugerindo que as línguas podem ser produzidas por “automatismo motor”, “catarse psíquica”, a “psiquê coletiva”, “excitação da memória” etc. O ponto é que a ocorrência de línguas por si mesma pode ter muitas explicações. Pode existir hoje de forma falsificada e igualmente separada do Espírito Santo, assim como pôde existir em Corinto.”

É por isso que algumas pessoas consideram as línguas como uma “fraude”, ou, pelo menos como um mero emocionalismo histérico. Assim sendo, não havendo intérprete, o dom de línguas deve ser totalmente evitado nos cultos públicos.

6.4.7 Algumas razões para o interesse por línguas

Em princípio essas línguas tão difundidas hoje nada têm a ver com a Bíblia. Entretanto, despertam interesse, podem ser usadas para provocação ou intimidação e suscitam muita polêmica. Quais seriam as prováveis razões para isso?

1ª) De um modo geral muitos crentes de hoje não são como os de Beréia (At 17.11); não se aprofundam no conhecimento bíblico, se escorando na teologia dos seus líderes. Assim, quando ouvem falar que as línguas podem proporcionar-lhes uma elevação espiritual, logo se interessam.

2ª) Muitas pessoas são apenas frequentadoras de igreja, não sendo muito envolvidas na obra. Pensam que se se mostrarem mais santas e espirituais poderão ter mais oportunidade. Assim, pensam que as línguas podem ajudar nisso.

3ª) Uma reação à sociedade secularizada, fria e indiferente a Deus. Assim, através das línguas, buscam mais contato e experiências com o sobrenatural.

4ª) Uma busca e tentativa de se identificar e associar a grupos supostamente superiores na sua espiritualidade.

5ª) Uma reação a um cristianismo frio, uma ortodoxia morta, sem ação, sem animação, sem fervor espiritual e sem calor humano, que não afeta verdadeiramente a vida das pessoas.

6.5 Dom de Interpretação de Línguas

(1Coríntios 14) (*ερμηνεια γλωσσων*)

Este último dom mencionado na lista de 1Coríntios 12.8-10 está diretamente relacionado com o anterior e o complementa.

Em síntese, o que é este dom?

O dom de interpretação de línguas é a capacidade sobrenatural, conferida pelo Espírito Santo, para se interpretar outra língua, desconhecida para quem fala e para que a interpreta.

O conceito acima é muito claro. Em princípio, só é dom sobrenatural se tanto quem fala quanto quem interpreta a outra língua a desconhecem. Não se trata de tradução. A ideia básica é que um fala e outro interpreta (1Co 14.26). Há, porém, uma outra situação mencionada que comporta a ideia de que a mesma pessoa possa falar e interpretar (1Co 14.13). O mais importante aqui é que havendo interpretação, haverá a edificação dos ouvintes. (1Co 14.5, 12, 26)

11 *Mas um só e o mesmo Espírito realiza todas estas coisas, distribuindo-as, como lhe apraz, a cada um, individualmente.*

11 *παντα δε ταυτα ενεργει το εν και το αυτο πνευμα διαιρουν ιδια εκαστω καθως βουλεται*

O versículo 11 faz um fechamento primoroso deste assunto. Do texto, depreende-se que:

Os dons são variados, mas a fonte é única – o Espírito Santo. Ele detém o poder de conceder os dons sobrenaturais. Ele mesmo os

distribui, prestigiando, assim, todo o corpo de Cristo. Ele é soberano na escolha de quem vai receber cada dom. Ele tem em vista a edificação do todo, mas age individualmente sobre cada pessoa.

Não percamos de vista que os dons naturais ou talentos naturais são recebidos no início da vida física, como herança dos pais. Entretanto, os dons espirituais, não provêm da carne ou do sangue; são dados pelo Espírito Santo no início ou no decorrer da vida espiritual.

Finalmente, podemos afirmar que os incrédulos e fracos precisam ver constantemente novas ocorrências de sinais sobrenaturais. Para estes, os sinais de ontem não servem para hoje (Nm 14.22-23). Entretanto, os verdadeiros filhos de Deus não precisam ver para crer; estes creem no que a Bíblia diz que Deus já fez e no que pode fazer hoje e ainda fará no futuro. Nessa confiança e comunhão com Deus eles experimentam a doce presença do Senhor em cada momento de suas vidas. Em que grupo você está?

Precisamos ficar bem alertas porque a presença de sinais e prodígios não é garantia da manifestação do poder do Espírito Santo: *“porque surgirão falsos cristos e falsos profetas operando grandes sinais e prodígios para enganar, se possível, os próprios eleitos.”* (Mt 24.24). Por outro lado, a ausência de sinais também não é garantia de um status espiritual superior, de mais equilíbrio, de doutrina correta. Pode ser até um sintoma de apostasia, de vida em pecado e consequente afastamento de Deus. Deus ama o pecador, mas rejeita o pecado. *“Jesus, porém, arrancou do íntimo do seu espírito um gemido e disse: Por que pede esta geração um sinal? Em verdade vos digo que a esta geração não se lhe dará sinal algum.”* (Mc 8.12). Vale lembrar as palavras de Jesus: *“Disse-lhe Jesus: Porque me viste, creste? Bem-aventurados os que não viram e creram.”* (Jo 20.29)

7. O FENÔMENO DAS LÍNGUAS NA HISTÓRIA DA IGREJA

“Você está sentado numa sala cheia de pessoas em adoração intensa. Os cânticos zelosos são intercalados por gritos de louvor e orações fervorosas. De repente, alguém perto de você começa a falar em sílabas rápidas que parecem completamente estranhas a qualquer língua que você já tenha ouvido antes. A “mensagem” enigmática é ecoada por várias outras pessoas de forma quieta, quase inaudível. Então, como se fosse resposta, outro participante levanta-se e dá uma mensagem ou ‘profecia’, falada como se tivesse vindo do próprio Deus: ‘Assim diz o Senhor. Se o meu povo confessar os seus pecados e buscar o meu caminho, e clamar pelo meu nome, será abençoado sem medida’. O resto do grupo, calado durante a breve profecia, começa então a louvar a Deus, enquanto outros profetizam mensagens adicionais.

É bem possível que você reconheça essa cena. É claro, você diz, que é uma descrição de uma reunião de oração carismática. ... Embora tudo isso pareça familiar, não é uma reunião moderna de carismáticos de forma alguma. Descrevi acima um grupo chamado Montanistas, que vivia no segundo século de nossa era. Seguindo os ensinamentos de seu líder, Montanus, este grupo cria que cada crente era um meio de revelação especial. Como prova, eles exerciam dons dramáticos do Espírito, inclusive ‘profecia’ e ‘línguas’, que declaravam ser sinais proféticos dos tempos do fim.

Assim começa a síntese histórica da ocorrência desse dom registrada por John F. MacArthur Jr.⁷, e prossegue:

100-500 dC

*Durante os primeiros quatrocentos ou quinhentos anos da igreja, as únicas pessoas que disseram ter falado em “línguas” eram os seguidores de **Montanus**, que foi considerado herege, e seu discípulo Tertuliano.*

⁷ MacArthur Jr, John F. – Os Carismáticos.

SÉC XVII

A próxima ocasião em que qualquer coisa com respeito a 'línguas' tenta infiltrar-se no cristianismo é através de um grupo de sacerdotes chamados de Cevenol, que habitavam na França no fim do século dezessete. Foram taxados de hereges porque suas profecias não se cumpriram e sua militância era desaprovada.

SÉC XVIII

Por volta de 1731 um grupo de reformadores católicos romanos chamados Jansenistas foram acusados de terem reuniões noturnas no túmulo de seu líder onde supostamente ocorreram línguas extáticas.

Outro grupo que falava em línguas era o dos 'Shakers', seguidores de Mãe Ann Lee, que viveu de 1736 a 1784. A Mãe Ann Lee considerava-se o equivalente feminino de Jesus Cristo. Ela fundou a comunidade Shaker em Troy, Nova Iorque, e declarou ter recebido revelação de Deus de que as relações sexuais eram corruptas mesmo dentro do casamento. A fim de 'mortificar a carne' e ajudar os seus seguidores a aprenderem a resistir à tentação sexual, ela instituiu a prática de homens e mulheres dançarem juntos, nus, enquanto falavam em 'línguas'.

SÉC XIX

Em 1830 Edward Irving começou um pequeno grupo em Londres denominado 'os Irvingitas'. Eles tinham revelações que contradiziam as Escrituras. Suas profecias não foram cumpridas e suas supostas curas foram seguidas de morte. Eles também falavam em 'línguas'.

SÉC XX

Desde Montanus até Edward Irving, casos de 'línguas' dentro da igreja nunca foram considerados parte do cristianismo genuíno.

Mas em 1901 no Bethel Bible College (Escola Bíblica Betel) de Topeka, Kansas, Agnes Ozman recebeu o que ela chamou de batismo do Espírito e falou em 'línguas'. A prática passou a fazer parte do movimento 'Holiness' da igreja nos Estados Unidos. Em 1906 as línguas foram faladas na Rua Azuza em Los Angeles, Califórnia, e destes dois eventos de 1901 e 1906 surgiram as principais denominações pentecostais às quais muitos de nossos irmãos e irmãs em Cristo pertencem hoje.

Em 1960 em Van Nuys, Califórnia, o movimento carismático moderno teve início numa igreja Episcopal. Logo espalhou-se pelas denominações principais de todas as espécies, incluindo católicos, luteranos, presbiterianos e batistas.”

O Pastor David Gomes acrescenta⁸:

“Não encontro o dom de línguas estranhas em nenhum dos santos apóstolos”

“Não tiveram, igualmente, o dom de línguas estranhas, alguns outros servos de Deus mais próximos de nossos dias. Guardemos como exemplos: Billy Bray, Charles Spurgeon, George Müller, Jonathan Edwards, Andrew Murray, A. J. Gordon, A. T. Pierson, General Boot e sua esposa, D. L. Moody, A. B. Simpson, F. B. Mayer, Stuart Holden, Wilburn Chapman, R. A. Torrey, Billy Sunday, John MacNeil, e tantos outros.”

Em tempos em que se valoriza mais a experiência do que o ensino da Bíblia fica muito fácil para líderes e crentes vaidosos, nem um pouco éticos, simularem uma espiritualidade acima dos demais crentes, exibindo línguas estranhas, na tentativa de passar a imagem de que são batizados e plenos do Espírito Santo. A maioria dessas

⁸ Livro “Espírito Santo, o Executivo de Deus” – David Gomes – págs.124 e 125

manifestações são consideradas produto de língua enrolada e bem treinada.

Mas há também os casos de manifestação de línguas ininteligíveis em decorrência de êxtase espontâneo provocado por reuniões históricas de busca de poder espiritual ou ambientes sob tremenda ação emocional. Alguns autores confirmam a existência de tais fenômenos em meio a cultos pagãos em várias épocas e lugares no passado.

Não podemos deixar de considerar a astúcia e as estratégias de Satanás, que pode se fazer passar por um anjo de luz (2Co 11.14) e nas características profetizadas para esses últimos dias: *“Ora, o Espírito afirma expressamente que, nos últimos tempos, alguns apostatarão da fé, por obedecerem a espíritos enganadores e a ensinos de demônios,”* (1Tm 4.1). Na busca sincera de Deus e do poder do seu Espírito, pessoas se deixam levar por fortes emoções e chegam ao ponto de renunciarem o controle de sua mente, deixando a porta aberta para a atuação de espíritos enganadores e a ensinos de demônios. Caem num estado de êxtase ou entram em transe, emitindo sons ininteligíveis, que chamam de “dom de línguas”.

8. SINAL DE MATURIDADE OU EXIBICIONISMO?

Não raramente nos deparamos com pregadores incentivando uma espécie de busca de um grau mais elevado de espiritualidade, de uma mudança de patamar no relacionamento com Deus, através da oração em línguas. Já temos analisado detalhadamente as manifestações coletivas e públicas do fenômeno das línguas (Atos), bem como o dom de línguas e sua regulamentação no culto público (1Coríntios). O que dizer do uso particular ou privado das línguas? O que os dons têm a ver com mais ou menos maturidade?

8.1 O foco equivocado

Parece um contrassenso o ser humano se apegar (e valorizar) exatamente àquelas coisas que menos deveria dar atenção. Às vezes, impulsionado pela tentação de atingir um plano ou posição superior (Gn 3.5). Nossos primeiros pais tinham todo o jardim para desfrutar, todas as árvores para comer, menos uma (Gn 2.16-17), porém tinham que se apegar à proibida (Gn 3.6). Deus concedeu e distribuiu à igreja 20 dons espirituais, mas alguns crentes se apegam a alguns que não são os mais relevantes na ordenação divina. Falando sobre os membros do corpo, o apóstolo enfatiza: *“e os que nos parecem menos dignos no corpo, a estes damos muito maior honra; também os que em nós não são decorosos revestimos de especial honra.”* (1Co 12.23).

Conversando com irmãos em Cristo sobre a controvérsia em relação ao dom de línguas e exibicionismo ficou evidente que esse é um dos dons mais fáceis de simular quando ele é interpretado como sendo línguas estranhas e não estrangeiras (outros idiomas).

Vale lembrar:

- As ocorrências não foram resultado de busca, procura intensa, mas manifestação inesperada de Deus.
- Foi concedido a todos, indiscriminadamente, e não a uma elite espiritual. Não contemplou ou privilegiou méritos pessoais.
- Não é sinal de maturidade cristã pois também alcançou novos convertidos e iniciantes na fé cristã.
- A promessa de Jesus em Marcos 16.17 era simplesmente para “aqueles que creem” sem qualquer outra condição ou qualificação ou conhecimento ou mérito pessoal ou espiritual.

Portanto, com base bíblica, podemos afirmar que falar em línguas ou o dom de línguas não evidencia qualquer sinal de progresso ou maturidade espiritual na vida do cristão! Por outro lado, a igreja de Corinto está longe de servir de modelo para qualquer igreja local segundo o coração de Deus.

8.2 O uso devocional

Com base em 1Coríntios 14 alguns ignoram o fato de se falar em línguas inteligíveis, como em Atos 2 indica, dizendo que as línguas que falam são para um propósito devocional e não para serem entendidas. No que se refere ao uso particular e devocional das línguas ou oração em línguas, valem as seguintes considerações e reflexões:

- Se Deus nos deu uma linguagem inteligível para nos expressarmos e comunicarmos com ele, em oração, o que nos falta?
- Se as línguas servem de sinal para os incrédulos, para comunicação e edificação, qual o sentido de falar em línguas no nosso quarto de oração?
- Em três coisas Jesus nos afirma *“e teu Pai, que vê em secreto, te recompensará.”*: 1ª) Quando dermos a nossa esmola (Mt 6.4); 2ª) Quando orarmos – *“entra no teu quarto e, fechada a porta, orarás a teu Pai, que está em secreto;”* (Mt 6.6); e, 3ª) Quando jejuarmos – *“com o fim de não parecer aos homens que jejuas, e sim ao teu Pai, em secreto”* (Mt 6.18). Jesus sabia e sabe que o ser humana gosta de ostentar uma espiritualidade e piedade acima dos demais e deixou claro o seu recado.
- A igreja se reúne para cultuar a Deus, proclamar as boas novas da salvação e edificação dos crentes. As línguas não fazem sentido na edificação particular e nem são próprias para edificação da igreja.

No entender do apóstolo Paulo, a profecia é que deve ser usada para edificação (1Co 14.3).

8.3 Orar com o espírito ou no Espírito

Será que orar “com o espírito” ou “no Espírito” significa necessariamente “orar em línguas”? Certamente que não, conforme demonstraremos a seguir.

O Novo Testamento registra a expressão “em espírito” 13 vezes; “no espírito” 7 vezes e “no Espírito” 17 vezes, totalizando 24 vezes; “com o Espírito” 7 vezes e “com o espírito” 2 vezes, totalizando 9 vezes. Vale lembrar que “espírito” se refere ao espírito humano e “Espírito” ao Espírito Santo. Dessas 46 ocorrências podemos destacar que apenas três estão relacionadas à oração; duas pelo apóstolo Paulo (1Co 14.14-15; Ef 6.18) e uma por Judas, o meio-irmão de Jesus (Jd 20). Nem Jesus nem os demais escritores do Novo Testamento se pronunciaram sobre o tema orar “com o espírito” ou “no Espírito”.

*“Porque, se eu orar em outra língua, o meu espírito ora de fato, mas a minha mente fica infrutífera. Que farei, pois? **Orarei com o espírito** (τω πνευματι), mas também orarei com a mente; cantarei com o espírito, mas também cantarei com a mente.” (1Co 14.14-15)*

É preciso ressaltar que este versículo inicia com a conjunção subordinativa condicional “se”, expressando uma condição e não uma afirmação. O que significa orar “com o espírito” em contraponto a orar “com a mente”? João Batista crescia e se fortalecia em espírito (Lc 1.80). Jesus angustiou-se em espírito (Jo 13.21) e ressaltou a adoração a Deus em espírito e em verdade (Jo 4.23, 24). Fica claro, nestes textos, que “espírito” se refere à essência imaterial e ao âmago do ser, ao sopro de Deus no ser humano – *ruach* (hebraico) e *pneuma* (grego). Uma adoração “da boca para fora” não é verdadeira e não será aceita pelo Altíssimo. Quando regenerados e habitados pelo Espírito de

Deus, este se conecta e se une ao nosso espírito: “O próprio Espírito confirma ao nosso espírito que somos filhos de Deus.” (Rm 8.16 NAA). É interessante que Paulo fale em estar ausente no corpo, mas presente “em espírito” em outro lugar (1Co 5.3; Cl 2.5). É claro que não se trata da falada projeção astral ou consciente, ou viagem astral, mas de uma forma figurada de se expressar. No caso da igreja de Corinto (1Co 5.3) é como se o “espírito”, isto é, a essência do ser de Paulo, o que ele era, falava, fazia e vivia estivesse lá presente. Já no caso de Colossos (Cl 2.5), ao receber as notícias daquela igreja, estas se tornaram tão vívidas para ele, como se ele lá estivesse.

Feita essa breve exposição e na ausência de claras explicações bíblicas sobre o assunto, sugerimos que “orar com o espírito” seria uma forma de interação mística e emocional com Deus; em contraponto àquela oração em que se expressa de forma inteligível e racional diante de Deus. Entretanto, Paulo tentava convencê-los de que algum tipo de êxtase do espírito não se torna frutífero e proveitoso se não houver o concurso da razão. Faz-nos lembrar do culto racional defendido pelo mesmo apóstolo (Rm 12.1). Ele tentava transmitir o conceito de que o uso de qualquer dom espiritual precisa ser exercido sob o controle da razão, para produzir proveito.

“com toda oração e súplica, orando em todo tempo no Espírito (εν πνευματι) e para isto vigiando com toda perseverança e súplica por todos os santos” (Ef 6.18)

“Vós, porém, amados, edificando-vos na vossa fé santíssima, orando no Espírito Santo (εν πνευματι αγιω),” (Jd 20)

Estes dois textos não apresentam dificuldade para o seu entendimento, bem como não guardam relação com o fenômeno das línguas. Uma vez regenerados e habitados pelo Espírito Santo temos comunhão com Deus, tendo sido inseridos no Corpo de Cristo (Rm 8.9; 1Co 6.11). Mediante esta comunhão mística com o Espírito é que nos comunicamos com Deus em oração. É ele quem nos assiste e

ilumina nesse exercício da alma, em qualquer ocasião, em todo o tempo, de forma incessante e permanente – “*Orai sem cessar.*” (1Ts 5.17) – “*Perseverai na oração, vigiando com ações de graças.*” (Cl 4.2). E o apóstolo Paulo desvenda essa ação do Espírito: “*Também o Espírito, semelhantemente, nos assiste em nossa fraqueza; porque não sabemos orar como convém, mas o mesmo Espírito intercede por nós sobremaneira, com gemidos inexprimíveis. E aquele que sonda os corações sabe qual é a mente do Espírito, porque segundo a vontade de Deus é que ele intercede pelos santos.*”(Rm 8.26-27). O texto deixa bem claro que não é o crente, mas o Espírito Santo quem se manifesta com “gemidos inexprimíveis”, como nosso intercessor diante do Pai Celestial. Isso nada tem a ver com línguas estranhas faladas por pessoas a Deus! Não apenas oramos a Deus no Espírito, mas também o adoramos no Espírito (Fp 3.3).

8.4 Marcas da verdadeira espiritualidade

É muito conveniente acreditar que a espiritualidade ou maturidade é um estado permanente que se alcança com uma experiência de batismo com o Espírito Santo seguido do falar em línguas. Não, não é assim! Nossa libertação da pena do pecado (Rm 8.1), do poder do pecado (Rm 6.14), não nos poupa da presença do pecado (Rm 13.11). Algumas das marcas da verdadeira espiritualidade são:

1ª) Andar no Espírito

“Se vivemos no Espírito, andemos também no Espírito.” (Gl 5.26)

“Digo, porém: andai no Espírito e jamais satisfareis à concupiscência da carne.” (Gl 5.16)

O andar na Bíblia é um termo intenso em seu significado. Fala de presença, de comunhão com Deus e de dependência. Fala de um passo de cada vez, de uma conduta após outra, de continuidade, de crescimento espiritual a cada dia, de um caminho que é feito durante

a caminhada: *“Mas a vereda dos justos é como a luz da aurora, que vai brilhando mais e mais até ser dia perfeito.”* (Pv 4.18)

2ª) Andar como filhos da luz

“Pois, outrora, éreis trevas, porém, agora, sois luz no Senhor; andai como filhos da luz” (Ef 5.8)

“Andemos dignamente, como em pleno dia, não em orgias e bebedices, não em impudicícias e dissoluções, não em contendias e ciúmes; mas revestidos do Senhor Jesus Cristo e nada disponhais para a carne no tocante às suas concupiscências.” (Rm 13.13-14)

Para andar com dignidade é preciso ter uma profunda consciência da fragilidade da natureza humana caída e da propensão ao pecado. Davi declarou: *“Eu nasci na iniquidade, e em pecado me concebeu minha mãe.”* (Sl 51.5). Daniel se inseriu no pecado do povo e confessou: *“temos pecado e cometido iniquidades, procedemos perversamente e fomos rebeldes, apartando-nos dos teus mandamentos e dos teus juízos;”* (Dn 9.5). Isaías tinha essa consciência: *“Então, disse eu: ai de mim! Estou perdido! Porque sou homem de lábios impuros, habito no meio de um povo de impuros lábios, e os meus olhos viram o Rei, o SENHOR dos Exércitos!”* (Is 6.5). O apóstolo Paulo vai além: *“...Cristo Jesus veio ao mundo para salvar os pecadores, dos quais eu sou o principal.”* (1Tm 1.15). É preciso reconhecer que estamos numa luta permanente contra o pecado (Gl 5.17; Rm 7.15, 18)

3ª) Andar “com” e “como” Jesus

“Ora, como recebestes Cristo Jesus, o Senhor, assim andai nele,” (Cl 2.6)

A espiritualidade e maturidade cristãs são um processo contínuo do desenvolvimento da nossa salvação cujo alvo é nos tornarmos semelhantes a Cristo. Paulo fala que Cristo vive em nós (Gl 2.20), que devemos imitar a Cristo (1Co 11.1), da “gestação ou formação” de

Cristo em nós (Gl 4.19) até alcançarmos a plenitude de Cristo (Ef 4.13). Ninguém se engane pensando que através de uma super experiência sobrenatural atingirá o “nirvana”, o ápice da espiritualidade cristã, de onde jamais cairá.

4ª) Andar em amor

“e andai em amor, como também Cristo nos amou e se entregou a si mesmo por nós, como oferta e sacrifício a Deus, em aroma suave.” (Ef 5.2)

À medida que o fim se aproxima, a iniquidade aumenta e o amor de muitos se esfria (Mt 24.12). A perseguição e o ódio contra os cristãos se tornam mais próximos da nossa realidade: *“E sereis entregues até por vossos pais, irmãos, parentes e amigos; e matarão alguns dentre vós. De todos sereis odiados por causa do meu nome.”* (Lc 21.16-17). Em vez de cultivar sentimentos egoístas, posturas de exibicionismo e autopromoção, ostentação de dons, é melhor seguir pelo caminho do amor e respeito ao nosso irmão: *“Nisto conhecerão todos que sois meus discípulos: se tiverdes amor uns aos outros.”* (Jo 13.35). É importante não confundir as coisas. Amar o outro não é ser conivente com suas condutas pecaminosas! Deus ama o pecador, mas odeia o pecado. Amor é muito mais do que um sentimento, é uma decisão. O amor se manifesta e se verifica na prática, na forma do servir: *“sede, antes, servos uns dos outros, pelo amor.”* (Gl 5.13)

Portanto, não é o dom de línguas ou qualquer outro dom que irá nos garantir o patamar mais elevado da espiritualidade, para de lá nunca mais sair! Até mesmo o brilho no rosto de Moisés desvanecia quando saía da presença de Deus (2Co 3.13). Não existe atalho, é preciso percorrer todo o caminho, dia após dia. O desafio diário do crente é o enchimento do Espírito (Ef 5.18); é dar lugar e espaço para ele agir cada vez mais em nossa vida, como resultado de uma vida devocional efetiva e de uma vida prática frutífera. Corinto era uma

igreja que supervalorizava os dons espirituais, porém, ao contrário do que se podia esperar mergulhou no caos da carnalidade.

O fato é que uma igreja ou um crente não podem amadurecer sem o uso correto e bíblico dos dons espirituais. “A pessoa verdadeiramente espiritual não é levada a transe, êxtases, frenesim emocionais. Quando uma pessoa está fora de controle, isso jamais será o uso cristão de algum dom do Espírito. Alguém pode dizer que foi ‘morto’ no Espírito; ele pode ter sido ‘derrubado’, mas não foi pelo Espírito.” (John F. MacArthur Jr).

CONCLUSÃO

No exposto até aqui procuramos cumprir o propósito de abordar este assunto de forma ampla, porém objetiva. Lucas, o escritor do evangelho, nos ensina a fazer uma exposição em ordem e didática. Vale a pena lembrar e fixar alguns aspectos importantes:

- O surgimento do movimento pentecostal no século XX trouxe à tona a discussão do assunto. Entendendo que o assunto é sensível e polêmico é importante tomar os devidos cuidados para abordá-lo bíblicamente, alertando, sem, contudo, ferir pessoas que pensam diferente.
- O “falar em línguas” de Atos é distinto do “dom de línguas” de 1Coríntios.
- Entre a Escritura e a Experiência, a Escritura será sempre a maior autoridade.
- O fenômeno das línguas acontece há muito tempo no mundo secular.

FALAR EM LÍNGUAS – DOM DE LÍNGUAS

- No Antigo Testamento ocorreu a confusão de línguas (Torre de Babel) e não há menção do fenômeno de línguas.
- No Novo Testamento, o fenômeno das línguas é registrado pela primeira vez na promessa de Jesus (Marcos 16.17), cumprida no Pentecostes (Atos 2 – idiomas conhecidos), marcando a inauguração do tempo da igreja de Cristo. Há outras duas ocorrências deste fenômeno, neste mesmo livro (Atos 10 e 19), sinalizando a expansão da igreja. Em 1Coríntios 12 a 14 o dom de línguas é regulamentado, sendo identificado pelo apóstolo Paulo como um dom pouco relevante para a igreja.
- Nos evangelhos e em outros livros do NT foram registrados vários casos de pessoas cheias do Espírito Santo sem a ocorrência do fenômeno das línguas. Este fenômeno não é uma marca registrada de uma segunda bênção pós-conversão, pois o Espírito Santo é recebido na conversão!
- A intensa ocorrência de milagres se deu no início da igreja e enquanto as Escrituras Sagradas estavam sendo escritas. Após este período os dons espirituais não foram extintos, pois o Espírito Santo não foi retirado e é vital para a igreja. Entretanto, alguns dons acontecem de forma bem menos frequente e de forma pontual, de acordo com a soberana vontade e desígnios de Deus.
- Não podemos perder de vista que todo o contexto da epístola de 1Coríntios que trata do dom de línguas é de repreensão e correção pela imaturidade na ostentação e desordem no uso dos dons espirituais. Eles são admoestados a procurar e desenvolver meios de serviço mais úteis, edificantes e construtivos.
- Finalmente, sobre a questão da espiritualidade e maturidade vale lembrar o que disse John F. MacArthur Jr: “Ser verdadeiramente espiritual é simplesmente ser fiel a Cristo e entregar-se a ele, dia a

dia, e a cada momento. Não vem tudo duma só vez para todos nós; vem em pequenas quantias, dolorosamente, pouco a pouco. Mas não importa como vem, não há passos para a espiritualidade instantânea. Não há caminho fácil, nenhum ‘estalo’ espiritual que faça duma só vez a coisa.”

Numa reunião de Pequeno Grupo nas casas, um casal não evangélico, ao ser convidado aceitou participar pela primeira vez. Ao término da reunião tive a oportunidade de conversar com o jovem convidado. Nunca me esqueci do que ele me falou, de certa forma me surpreendendo. Disse que quando resolvesse se envolver com uma religião precisaria ver acontecer ali coisas sobrenaturais. Na hora me veio logo à mente as palavras de Jesus ressuscitado dirigidas a Tomé: *“Porque me viste, creste? Bem-aventurados os que não viram e creram.”* (Jo 20.29). Creio que ele estava determinado a não abraçar um sistema filosófico religioso engenhosamente engendrado para atrair adeptos. Não posso condená-lo totalmente por isso, principalmente quando olho para a permanente contenda de Deus com a idolatria e com os ídólatras de todos os tempos, que de um material qualquer fazem um ídolo e o adoram; também quando penso numa multidão de sistemas religiosos simplesmente e tão somente humanos e vazios de Deus. Entendo que é imprescindível perceber a real presença de Deus no “sistema de crença” que adotamos. Não me recordo exatamente o que lhe falei, mas nestas situações costumo citar o que disse Philip Schaff que, para início de conversa, pois apresenta uma boa fundamentação da Fé Cristã:

“Há uma tríplice revelação de Deus:

- 1- A revelação interna da razão e da consciência, em cada indivíduo (Rm 2.15; Jo 1.9);
- 2- Há uma revelação externa, na criação, a qual proclama o poder, a sabedoria e a bondade de Deus (Rm 1.20; Sl 19);
- 3- Há uma revelação especial, através das Santas Escrituras, como também na pessoa e na obra de Cristo, que confirma e completa as

outras duas revelações, exibindo a justiça, a santidade e o amor de Deus”.

É característica da natureza humana querer ver sinais. Sabedores disso, não são poucos os que mesclam a Fé Cristã com tradições fantasiosas e milagres encomendados para iludir os mais ingênuos. São muitas as estórias espetaculares de aparições de Maria e feitos de “santos e santas” e outros personagens para promover a fé e a credence popular dos fiéis e devotos.

Muitos crentes também não conseguem se firmar na fé se não virem milagres diariamente. Também encontramos muitas pessoas com uma visão utilitarista da Fé Cristã. Seguem uma religião, muito mais do que a Cristo, na perspectiva e busca de prosperidade material e financeira, cura de enfermidade, livramento do mal e proteção espiritual, solução dos problemas da vida etc.

Milagres, intervenções e revelações são manifestações sobrenaturais de Deus. Se acontece todo o dia, reduz seu impacto, como no caso da revelação externa, através da natureza. Vivemos num contexto de milagres cotidianos que já não nos surpreende mais: o milagre da geração e gestação de uma nova vida; o milagre da existência de um planeta tão especial e diferenciado como o planeta Terra; os inúmeros milagres revelados pela natureza.

Os milagres cumpriram um papel importante em determinadas épocas da história enquanto a revelação divina estava sendo dada. Desta forma, Deus autenticou o seu Livro, a sua Palavra, através de muitos sinais, maravilhas, prodígios e sinais. O normal hoje não é o milagre pois o justo é chamado a viver pela fé: *“todavia, o meu justo viverá pela fé; e: Se retroceder, nele não se compraz a minha alma.”* (Hb 10.38).

Portanto, viva pela fé, siga o exemplo dos heróis da fé (Hb 11)! *“De fato, sem fé é impossível agradar a Deus, porquanto é necessário que aquele que se aproxima de Deus creia que ele existe e que se torna galardoador dos que o buscam.”* (Hb 11.6)

Soli Deo gloria!

BIBLIOGRAFIA

1. A Bíblia Anotada (MC – Editora Mundo Cristão).
2. Bíblia Online – SBB.
3. A BÍBLIA em ordem cronológica – Reese, Edward / Klassen, Frank – Ed. Vida
4. Champlin, Russell Norman, Ph.D. – O Novo Testamento Interpretado, versículo por versículo – Milenium.
5. Champlin, Russell Norman, Ph.D. – O Antigo Testamento Interpretado, versículo por versículo – Hagnos.
6. Long, David Boyd – O que a Bíblia ensina sobre o dom das Línguas.
7. Gomes, David – Espírito Santo, o Executivo de Deus – EBAR
8. MacArthur Jr, John F. – Os Carismáticos.
9. Correia, Paulo Raposo – Batismo, com a palavra a Bíblia.
10. Michaelis On-line (Dicionário de língua portuguesa).
11. Wikipédia (Internet).

*“Todos ficaram cheios do Espírito Santo e passaram a falar em outras línguas, segundo o Espírito lhes concedia que falassem.”
(Atos 2.4)*

“A uns estabeleceu Deus na igreja, primeiramente, apóstolos; em segundo lugar, profetas; em terceiro lugar, mestres; depois, operadores de milagres; depois, dons de curar, socorros, governos, variedades de línguas.” (1Coríntios 12.28)



**Primeira Edição
JAN/2022**